



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS**

**FERNANDA CUNHA OLIVEIRA**

**AS CORES VIOLETAS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA  
ATRAVÉS DA AUTOETNOGRAFIA VISUAL**

**FORTALEZA**

**2012**

FERNANDA CUNHA OLIVEIRA

AS CORES VIOLETAS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA  
ATRAVÉS DA AUTOETNOGRAFIA VISUAL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens. Linha de pesquisa: Fotografia e Audiovisual

Orientador: Prof. Dr. Silas de Paula.

FORTALEZA

2012

Dados Internacionais de Catalogação na publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

O47c

Oliveira, Fernanda Cunha.

As Cores Violetas: a construção da memória afetiva através da autoetnografia visual /  
Fernanda Cunha Oliveira. – 2012.

108 f : il. Color., enc. ; 30cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte,  
Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza, 2012.

Área de Concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientação: Prof. Dr. Silas José de Paula.

1. Fotografia de famílias. 2. Álbuns de fotografias. 3. Etnologia – métodos biográficos. 4.  
Autobiografia. I. Título.

---

CDD 779.930685

FERNANDA CUNHA OLIVEIRA

AS CORES VIOLETAS: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFETIVA  
ATRAVÉS DA AUTOETNOGRAFIA VISUAL

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens. Linha de pesquisa: Fotografia e Audiovisual

Aprovada em: 21 / 09 / 2012.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Silas de Paula  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Cavalcante Júnior  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Beatriz Furtado  
Universidade Federal do Ceará

Este trabalho é dedicado à minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço àqueles que ajudaram a construir essa dissertação.

“Penso por imagens que são mais rápidas do que as palavras.”

(Clarisse Lispector)

## RESUMO

Este trabalho é resultado de um processo de autoetnografia, realizado a partir da experiência de construção de uma auto-narrativa fotográfica como forma ensaística e que vai discutir questões que vem desse processo relacionados à memória como uma questão fundamental, oferecendo um convite à reflexão sobre a construção da minha memória afetiva como indivíduo na sociedade e sua representação nos álbuns de família. A pesquisa questiona como os álbuns podem representar os valores de ritos estabelecidos na cultura ocidental e de que maneira a fotografia ocupa um lugar privilegiado na história das sociedades. Também investigo de que maneira a minha subjetividade e a minha herança antropológica e sociocultural definem a formação das imagens em minha mente e a construção da minha memória. E esta não é uma questão só minha, mas como o trabalho de todo artista que está dentro de sua obra. Utilizo-me da minha experiência como artista para pensar uma questão que me ultrapassa. Não é uma questão do outro apenas, mas uma questão que me ultrapassa em direção ao outro. Assim, proponho um percurso metodológico autoetnográfico visual em que a realidade estudada é o universo do pesquisador. O projeto constrói uma narrativa visual ao final do trabalho tendo como resultado um álbum de família, mas para isto desenvolvo esta dissertação fundamentada em três bases correlacionadas: a imagem, a memória e a autoetnografia. A imagem como uma forma de diálogo e escrita é o pilar deste trabalho.

**Palavras-chave:** Memória. Imagem. Fotografia. Autoetnografia Visual. Álbum de Família.



## ABSTRACT

This work is the result of an autoethnography process, realized from the experience of building a photographic self-narrative as an essay that will discuss issues which comes from this process related to memory as a key issue, offering an invitation to a reflection on the construction of my affective memory as a man in society and his representation in family albums. This research questions how the albums can represent the values of established rites in western culture and how the photography has a special place in the history of societies. It also investigates how my subjectivity and my anthropological and sociocultural heritage define the formation of images on my mind and the construction of my memory. And this is not only a question of my own, but as the work of every artist that is within his work. I use my experience as an artist to think about an issue beyond me. It is not a matter of just another one, but a matter that goes beyond me towards the other. Thus, we propose a visual autoethnographic methodological route in which the reality is the researcher's universe. The project constructs a visual narrative at the end of the work resulting in a family album, but for that I develop this dissertation based on three correlated bases: image, memory and autoethnography. The picture as a form of dialogue and writing is the cornerstone of this work.

**Keywords:** Memory. Image. Photography. Visual Autoethnography. Family Album.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>MEMÓRIA</b> .....	12
<b>2.1</b>	<b>Memória: Passado-Presente</b> .....	12
<b>2.2</b>	<b>Reconstruindo uma identidade</b> .....	14
<b>2.3</b>	<b>A memória como amiga-inimiga da autoetnografia</b> .....	16
<b>2.4</b>	<b>Memória uma rica fonte de pesquisa do “EU”</b> .....	17
<b>2.5</b>	<b>Coletando dados de uma memória pessoal</b> .....	21
<b>3</b>	<b>SUBJETIVIDADE</b> .....	27
<b>3.1</b>	<b>O indivíduo e a construção de identidade</b> .....	27
<b>3.2</b>	<b>Individual, coletivo e social</b> .....	28
<b>4</b>	<b>ANTROPOLOGIA VISUAL</b> .....	30
<b>4.1</b>	<b>A Antropologia</b> .....	30
<b>4.2</b>	<b>Por uma cultura visual</b> .....	35
<b>4.3</b>	<b>Fotografia etnográfica</b> .....	38
<b>4.4</b>	<b>Recursos de uma visualidade para uso da Sociologia como discurso</b> .....	41
<b>5</b>	<b>AUTOETNOGRAFIA COMO MÉTODO</b> .....	43
<b>5.1</b>	<b>As narrativas do “EU”</b> .....	43
<b>5.2</b>	<b>Autoetnografia: narcisista e etnocêntrica?</b> .....	46
<b>5.3</b>	<b>O ‘EU’ e a família</b> .....	49
<b>5.4</b>	<b>O ‘EU’ e o ‘OUTRO’: o desafio de uma antropologia familiar</b> .....	51
<b>6</b>	<b>A IMAGEM LINGUAGEM</b> .....	55
<b>6.1</b>	<b>A imagem fotográfica</b> .....	55
<b>6.2</b>	<b>A imagem como escrita</b> .....	59
<b>6.3</b>	<b>A representação social do indivíduo através da fotografia</b> .....	62
<b>7</b>	<b>A FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA</b> .....	65
<b>7.1</b>	<b>O álbum fotográfico como representação social da família</b> .....	65
<b>7.2</b>	<b>Fotografia doméstica: a reconstrução do gênero identitário</b> .....	66
<b>8</b>	<b>AUTOETNOGRAFIA VISUAL</b> .....	69
<b>8.1</b>	<b>A imagem como narrativa do EU</b> .....	69
<b>9</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	98

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>102</b>
-------------------------	------------

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho que aqui apresento versa sobre mim, a partir de memórias afetivas que tecem uma linha atemporal, expressa em imagens fotográficas dos meus familiares. Para tanto, lancei mão do método autoetnográfico, que propõe a construção de narrativas do “eu”.

Adentrar nesse universo recôndito me exigiu explorar conceitos-chave, tais como a memória e a subjetividade, além de me fazer refletir sobre questões que são do campo da antropologia e autoetnografia visuais.

A linguagem que utilizei foi a fotografia, partindo do princípio de que a imagem constitui uma forma de escritura.

Ao pensar em realizar um trabalho de autoetnografia, em nenhum momento imaginei que iria me deparar com a dor. Também não imaginei que estaria escolhendo para a minha vida algo extremamente complexo e complicado, uma pesquisa que parece ter apenas a porta de entrada, mas que não aponta saídas, tão facilmente.

Em meio a tantas teorias, descobri que nada sabia sobre a autoetnografia e me deparei num curso de mestrado com uma proposta nada tentadora à maioria. Para qualquer meio científico, isso torna-se um desafio, mas também uma descoberta.

Acho que a palavra que representa “o caos causado em minha mente” seria “mexer”, ou até mesmo “desorganizar”, o que tem tudo a ver com a pesquisa realizada aqui. Deparei-me como que em uma encruzilhada. Mas quem se predispõe a fazer um projeto de pesquisa sem se perder? Quem de nós é o mais ousado? Quem de nós está arriscando mais? E tudo que penso é que a Ciência só pode ser construída pela entrega daqueles que têm coragem de arriscar e mesmo enfrentar seus medos, e sabem que correm o risco de serem relegados a um segundo plano na academia.

Sinto medo. Muito medo. Desde que comecei tudo isso, eu ia seguindo na certeza de que cada passo dado e conquistado poderia me levar para o próximo caminho. E na maioria das vezes, não via a trilha por onde percorrer, duvidando de que haveria chão para o próximo passo. Foi lento e doloroso. Muito lento. Os avanços eram, muitas vezes, quase imperceptíveis. Meu maior alívio foi conseguir encontrar, em Fortaleza, dois professores que já estudavam o tema “autoetnografia”, ainda que não trabalhassem tanto com ele. Maior presente foi quando um deles me deu um livro intitulado “Autoethnography as method”, este virou a minha bíblia.

Até agora tudo em mim é incerteza e insegurança, nunca me deparei com uma pesquisa tão desafiadora. Meu coração está inquieto. Devo admitir que ao examinar minha

(própria) família, a construção histórica visual, e propor expor isto como pesquisa, tudo em mim estremece. É tornar visível aquilo que a sociedade mais preza como sagrado. Família é para a sociedade um espaço íntimo que não se mexe, não se expõe. Aquilo que é sinônimo de equilíbrio, ainda que viva em caos. Apesar de muitos terem a consciência de que o âmbito familiar é construído de traumas, dores, conflitos, além de felicidade, muitos escolhem aderir a uma imagem de uma família constantemente feliz ao construírem suas histórias.

Devo confessar que, na fase final, senti vontade de voltar atrás. Mas sobre o que eu escreveria, às vésperas da defesa da dissertação? E como voltar cada etapa, após ter sido qualificado o trabalho? Eu realmente pensei em desistir. Mas quando me deparava com aquela parede branca enorme dentro do meu quarto, repleta de fotografias e com todas as reflexões teóricas que já havia escrito, sentia dentro de mim a resposta para tudo: para as dúvidas, para o medo, para a falta de criatividade inesperada. Só então, pude perceber que ali, à minha frente, já estava pronto o meu projeto de mestrado, que estava ali tudo o que era preciso, toda fundamentação, os autores, as imagens, a edição, a construção visual documental e apoio de todos aqueles que acreditaram nesse projeto.

Aquilo que me é íntimo, ora estará exposto, e será provavelmente alvo de crítica e opinião daqueles que estarão de fora. Para mim, será difícil acolher o preço do que me propus fazer, uma autoetnografia. Acredito, como outros autores, que todo trabalho científico é autoetnográfico, e penso que toda autoetnografia é dolorosa e vitoriosa em seu percurso. Também admito que é difícil, à maioria dos pesquisadores, decretar o final de sua investigação, mas que somos obrigados, desde sempre, a estabelecer um fim.

As imagens a que me entrego, elas me rasgam por dentro. As fotografias que reconheço são aquelas que a minha memória guardou, mas nem sei ao certo se me recordo desta forma por uma influência da foto, ou se me contentei em guardá-la desta forma. Que forma eu poderia dar às minhas memórias? Que forma é dada a história de uma família? Até os textos são imagens. E as fotografias são apenas um começo para desencadear numa mente aquilo que esteve por tanto tempo guardado ou representado apenas por um pedaço de lembrança. Eu jogo as imagens para fora!

E nesse lançar, elas me devolvem mais um milhão de imagens! É um circuito inacabável, é interminável! Assim, me pergunto de que maneira, em um projeto de memória visual, é possível querer por um fim?!

Ao olhar uma fotografia, inevitavelmente, penso. Ela comunica, eu compreendo, mesmo que seja o incompreensível, ou ainda que a sua fala seja o silêncio. Através da fotografia, exponho toda a minha agressividade, minha felicidade, angústia e dor. E por ela e

através dela que vejo o mundo. Sofro, gozo e vivo a experiência do que a imagem causa em mim. Tento, através dessa linguagem, compartilhar com o outro a mesma sensação e certeza que sinto com ela. É a partir do meu imaginário que construo este projeto, que por meio de uma metodologia reconhecida como “perigosa” tenta entrar na academia, primeiramente questionando a construção da identidade familiar nos álbuns de fotografia, e em segundo mostrando como a imagem é uma linguagem e que por esta a fotografia, como arte, é uma forma de conhecimento científico. Urgentemente a academia precisa acolher a arte como ciência.

## 2 MEMÓRIA

### 2.1 Memória: passado-presente

A memória é antes de tudo uma narrativa coletiva. Ao me deparar com a memória de um lugar, a memória de uma pessoa, a memória de objetos, estou retratando a memória de um universo, ainda que este seja particular, que esteja inserido num contexto maior.

O coletivo é representado na memória de cada parte da sociedade e é difundido segundo seus critérios e valores. As “memórias” constroem as identidades de um lugar, de um povo, de uma pessoa. A história é formada por tudo aquilo que compõe o que hoje é considerado presente. Um presente que é formado pelo passado, representado, desconstruído e constantemente renovado por ele.

Não existe uma memória fixa ou imutável. Existe uma memória viva que pulsa a cada segundo do tempo que passa. Ela muda e o universo muda com ela. A memória é um constante processo de mutação. Mas nem por isto devo perder de vista neste trabalho as histórias de vida, os documentos catalogados, os discursos que ora eram intactos ou ainda quantitativos. Trata-se de compreender que não são as informações que mudam a interpretação do que existe ou existiu. Quando interpreto, renovo. Ao escrever diversas vezes a mesma história ela nunca será a mesma. Eu.

O indivíduo encontra-se nas referências coletivas tanto quanto elas o constroem. Fazer parte de um todo é aceitar ser construído por ele. A memória além de construir o indivíduo é responsável pelo seu crescimento posto que é parte de sua mudança. A memória participa da evolução social e individual. O tempo da minha memória é o meu tempo, o tempo que dou a ela. A compreensão que dou a ela.

Segundo Ecléa Bosi (2003, p. 22):

Portanto uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais. É preciso sempre examinar matizando os laços que unem memória e ideologia; laços que, antes da secularização moderna, amarravam a memória pública à memória individual.

A memória pode, muitas vezes, ser escorregadia, já que está sob o olhar de um ser extremamente subjetivo como o ser humano. Ela às vezes nos escapa e cria uma nova vida ou ainda se entrelaça com o presente tornando-se uma nova memória.

No que se refere a coletividade devo pensar, que quanto mais pessoas vivenciarem um tempo na construção de uma história, mais rica será a memória deste lugar, ainda que seja vista ou contatada por diferentes pontos de vista.

Ainda Ecléa Bosi (2003, p. 31) afirma que:

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo.

Para Bergson (1999, p. 30) estaríamos tratando de memória ao tratar antes do conceito de percepção. Ao que ele desenhava a seguinte relação entre percepção-imagem-lembrança.

A percepção é a forma como percebo as imagens, podendo aparecer de duas maneiras: a percepção pura e a percepção real. Bergson prefere trabalhar com a memória real – a que ele chamou de “memória impura”, defendendo que a nossa memória é influenciável pelas nossas subjetividades, lembranças e processos constantes de transformação identitária e social. A memória nunca estaria livre de sofrer interferências e ser remodelada pelas lembranças. Para ele temos acerca da memória a relação de “passado-presente” já que a percepção nos leva as lembranças que por sua vez é o passado e se torna no presente num futuro passado, transformando-se em memória. Assim passado e presente se misturam interferindo um no outro.

A imagem-lembrança então caracteriza-se por ser impura, por ser dinâmica e ser constantemente tocada pela subjetividade. O ponto é: como tratar a memória como método de investigação se nela não posso dar credibilidade de sua construção narrativa? Me pergunto: Será? Não posso realmente entregar à memória a capacidade de construir um conhecimento? Creio que sim. Todo conhecimento construído perpassa a capacidade de memória. Não é apenas aquilo que é totalmente fidedigno, mas aceitar a memória por inteira, com seus vieses de realidade e de ficção.

A memória é um universo complexo que está vulnerável às sensibilidades, valores, culturas, referências, experimentos, sendo passado afetada pelo passado, passado afetada pelo presente e passado afetada pelo futuro e vice-versa. Ela está sempre num processo de renovação, nunca a mesma. Ela dialoga com a essência física, mental e espiritual.

A memória acontece. Ela não é só o conceito comum (que socialmente é dado a ela) de passado. Ela é um tempo que está aqui sendo às vezes tangível, às vezes intangível, às vezes real, às vezes fantasia, sendo ontem, sendo hoje, sendo agora. Ao falar de memória



nesta investigação devo me afastar do senso comum e dialogar com o conceito de memória como um tempo que existe constantemente e dispõe de um caráter infinito.

## 2.2 Reconstruindo uma identidade

In other words, autoethnography is not about focusing on self alone, but about searching for understanding of others (culture/society) through to gain an understanding of a societal culture. (CHANG, 2008, p. 48).<sup>1</sup>

A compreensão de uma memória coletiva que interfere na estrutura de formação de identidade do indivíduo como um ser social mostra-nos que o coletivo está representado no caráter cultural estabelecido no universo ao qual ele pertence. A cultura social, sem dúvida, constrói o homem, permitindo que ele seja acolhido através das afinidades e contradições compartilhadas entre ele e a comunidade (ou ainda o outro).

É nessa relação de troca que habita o diálogo da memória construída entre homem e sociedade. A memória deixa de sê-lo, ou de tornar-se tal, quando não atribuo valor social compartilhado a ela, caindo assim, em um vácuo.

A memória está em constante processo de construção em que o presente torna-se lembrança num futuro passado na existência de pequenas coisas. “Ao nosso redor, nas pequenas coisas do dia-a-dia está sendo construída a nossa identidade memorial, seja individual ou coletiva.”

A reminiscência evoca em mim emoções, pensamentos, lembranças e imagens que não posso dominar. Estarei sempre vulnerável ao seu infinito. Ela tem seu movimento fluído de estar no presente inserindo um passado transformando-se num futuro. Futuro-presente-passado.

Em sua dinâmica, ela toca tudo que estiver em seu caminho e as lembranças que a compõem são recriadas em mim. Estaria numa imagem todas as referências de representações contidas num só objeto, significando histórias, acontecimentos, valores e sentimentos. As imagens estão carregadas de lembranças e também o oposto.

A memória como ferramenta reconstrutora de identidades apreende o reflexo da vida em dado momento de tempo, estendendo assim um espaço no tempo ao infinito atemporal, em que não mais depende de uma ordem cronológica para ser influenciada pelos acontecimentos tanto no presente, quanto no passado e futuro. Os eventos simplesmente

---

<sup>1</sup> Em outras palavras a autoetnografia não é centrada em si mesmo apenas, mas uma busca na compreensão dos outros (cultura e sociedade) através de ganhar uma compreensão de uma cultura social. (CHANG, 2008, p. 48). Tradução livre feita pela autora, todas as demais contidas neste trabalho também são.

interferem na linha temporal existente. E desta forma transmutam de lugar e remodelam a forma de lembranças fazendo com que elas sejam sempre novas lembranças.

Durante o nosso período de vida, nosso semblante muda. A idade, a experiência, as emoções, os acasos e as mudanças de luz alteram os traços que acreditamos serem nossos, de modo que um espelho pode constantemente nos surpreender. Não temos um rosto presente: quando pensamos ter captado as nossas feições num reflexo, elas já se transformaram em alguma outra coisa, empurrando o nosso eu para o futuro. (MANGUEL, 2001, p. 185).

A duração, como um momento constante de trocas e interferências em que os acontecimentos mudam sem cessar, o estado deles mesmos é um eterno estado de mudança. Tudo muda, o tempo todo. A recordação e a sua duração traduzida pelo tempo é uma experiência ininterrupta de transformação. O tempo é mudança. Não existe experiência sem mutação. A história e a memória não voltam ao passado mais do que este vem ao futuro.

O momento pode durar como um estado de consciência pura, como um ato inédito, como algo que ainda não se estendeu no decorrer de sua duração. Tal fenômeno está relacionado à nossa percepção, moldura da memória. Ou ainda não teríamos consciência de como se formam as existências dentro de nós. Dessa forma fabrico lembranças que são criadas e recriadas de acordo com a minha percepção e os meus sentidos. O que há de nós na construção de um presente, de um passado e de um futuro? Tudo. Tudo o que habita em nós está implicado na construção da duração de um instante de tempo. A formação de nossa memória é lapidada com o nosso Ser integral, tudo nosso está ali depositado naquela construção de imagem, de momento, de lembrança. Assim a construção da identidade perpassa pela percepção, pelas lembranças e experiências de vidas, as quais são definitivas na formação e transformação do indivíduo. Bergson (2004, p. 14) traz à luz da razão uma nova perspectiva de como a vida se processa e evolui, direcionando o Ser a espiritualizar-se, num estágio de vida ideal, real. Ele afirma “Sin embargo, un ligero esfuerzo de atención me revelaría que no hay afecto, representación ni volición que no se modifique en todo momento; si un estado de alma cesase de variar, su duración cesaría de transcurrir.” (BERGSON, 2004, p. 14).

Assim, ao se tratar da memória e do estado de duração das coisas, o filósofo defende que, antes de tudo, está posto um estado de alma. Como a evolução do ser se dá por meio de percepções e construções de sentido, e estas estão relacionadas ao passado e sua relação com o presente-futuro, a formação de nossa identidade está estreitamente ligada à memória.

“Ahí está mi memoria, que inserta algo de ese pasado en este presente. Mi estado de alma, al avanzar en la ruta del tiempo, crece continuamente con la duración que recoge; por decirlo así, hace bola de nieve consigo mismo.” (BERGSON, 2004, p. 14).<sup>2</sup>

Mudo de estado. Mudo de forma. Mudo de sentido. E minha forma de lembrar muda, acompanhando todo o movimento dinâmico de meu corpo físico, mental, psíquico e espiritual. As lembranças acompanham o amadurecimento do indivíduo, como parte de seu processo de evolução.

### **2.3 A memória como amiga-inimiga da autoetnografia**

Há um diálogo intrínseco entre passado e presente que gera uma relação de interdependência fazendo com que um reverbere no outro em qualquer movimento dissonante.

Entender o presente seria antes de tudo compreender a sua relação com o futuro e o passado. Contar as nossas histórias não seria um mergulho unicamente no passado, mas sim já uma reconstrução do presente. Este movimento de tomar as nossas narrativas como memórias nos levaria antes de tudo as nossas fantasias. Em se tratando de memória e de auto-narrativas não podemos andar separados do conceito de criação, ou recriação.

Assim como na fotografia existe aquilo que é chamado de realidade e aquilo que chamado de ficção, tendo na memória as duas faces de reconstrução da realidade. Posso entender que tanto na realidade está imbricada a ficção quanto na ficção está imbricada a realidade. Elas se compõem e se permutam.

A memória não dá um retrato fiel da realidade, mas oferece sempre novas possibilidades de interpretá-la como tal. Construindo um conhecimento contínuo e rico em informações pessoais e sociais. A memória abre um universo rico em dados por meio de narrativas, histórias, documentos, experiências que construíram a memória de uma identidade seja ela pessoal ou coletiva. Ela permite sempre uma mudança de perspectiva e uma compreensão mais ampla daquilo que é denominado de realidade.

No processo autoetnográfico a memória entra como chave fundamental na construção narrativa do conhecimento. A memória como fonte de pesquisa neste momento de

---

<sup>2</sup> Essa é a minha memória, que insere algo do passado neste presente. Meu estado de espírito, ao avançar numa luta contra o tempo, cresce continuamente com a duração que recolhe, por assim dizer, faz de si mesma uma bola de neve.

uma narrativa reflexiva. Entendendo que experiências e identidades são construídas em diferentes discursos e caminhos de investigação.

Ao pensar a autoetnografia como método de pesquisa, posso diretamente associá-la a um trabalho íntimo com a memória. Assim teria na memória a realidade e a ficção como conhecimento investigativo. Pode ser uma via de mão dupla em que a memória tanto constrói informações com sua dúbia verdade (realidade e fantasia), como as experiências reais e fantasiosas constroem a memória.

Ao me apoderar da narrativa como investigação aceito tacitamente que ela possui seus caminhos infinitos de interpretação de vida.

As histórias contadas pelos indivíduos sociais são situadas num determinado tempo (período) e lugar que narram através de suas narrativas a cultura, política, crenças e valores de uma sociedade. A narração como forma de construção de pensamento torna-se rica por meio de relatos individuais e pessoais alargando-se numa representação coletiva e social. O indivíduo é a sociedade, ele a desenha; e a sociedade transforma ou forma o indivíduo. Ambos se pertencem na construção de saber e linguagem.

Devo creditar à memória a nossa capacidade de contar histórias e fazer dessas histórias fonte de conhecimento, utilizando as informações contidas nos discursos como dados científicos.

A autoetnografia encontra na memória um sentimento duplo: ora torna-se uma fonte da verdade ora torna-se fonte de fantasia. Por meio de discursos indica construções de possíveis realidades e ficções. Ela utiliza dessa dupla possibilidade para compor as narrativas como reflexo de uma realidade sociocultural.

## **2.4 Memória uma rica fonte de pesquisa do “EU”**

Vencerei então esta força de minha natureza, subindo por degraus até meu criador. Chegarei assim diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá também estão armazenados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, ou até alterando de algum modo o que nossos sentidos apanharam, e tudo o que aí depositamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido no esquecimento.

Quando ali penetro, convoco todas as lembranças que quero. Algumas se apresentam de imediato, outras só após uma busca mais demorada, como se devessem ser extraídas de receptáculos mais recônditos. (AGOSTINHO, 2007, p. 218).

Encontrar na memória um rico acervo de lembranças que evocam em nós emoções, sentimentos, pensamentos, imagens, cheiros, dentre todos os outros sentidos existentes no ser-humano.

A autoetnografia transpassa inevitavelmente a memória do narrador etnógrafo, percorre um labirinto de lembranças e sentidos que caem aos montes como uma catarse, purificando almas numa completa descarga emocional experimentando em nós um processo de libertação. É neste processo que há acesso ao infinito em nós. Tudo o que acredito ter controle se dissipou. O “universo das lembranças” é um terreno fecundo, um lugar que habita os nossos desejos, sensações, histórias, pulsações, valores, verdades, mentiras, males [...] e todas as outras coisas que habitam o Ser. É um espaço de criação e recriação, está para além de um contar de histórias, é a fábrica aonde tudo rumina.

Santo Agostinho denominou este mundo que se estende ao infinito de “Palácio da Memória”. Ele acredita que nele tudo é realizado interiormente. E que é aí que reside o espírito, o ser, a memória humana. O lugar onde mora a cultura, valores, crenças, sentimentos, sensações, tato, imagens..., é o lugar da memória. Um espaço para beber da fonte do ser. Um homem sem memória é um homem sem espírito. Sem espírito não há essência do Ser, não há libertação. Por meio da memória encontro um mundo de possibilidades para entender o que sou, compreender o corpo e o espírito.

Tudo isto realizo interiormente, no imenso palácio da memória. [...] Ali encontro a mim mesmo, recorde de mim e de minhas ações, de seu tempo e lugar, e dos sentimentos que me dominavam ao praticá-las. Ali estão todas as lembranças do que aprendi, quer pelo testemunho alheio, quer pela experiência. (AGOSTINHO, 2007, p. 219).

As vastas recordações que habitam a essência fazem do homem um universo rico para compor o método autoetnográfico, oferecendo dados por meio do relato de vida. O discurso autobiográfico traz imagens de extraordinárias recordações, ele passeia pelo labirinto da memória e transpassa os segredos do inconsciente humano. Até mesmo inventar é contar a verdade. O discurso biográfico não perde de vista a verdade dos fatos por ter a memória característica intrínseca de recriar. Em vários processos de pesquisa há os dois lados – verdade e ficção, pois, onde existe humanidade, co-existe a recriação da realidade. A própria realidade será sempre uma interpretação única das experiências vividas. Manoel de Barros (2006, p. 1) afirma “Tudo o que não invento é falso.”

Tanto no consciente quanto no inconsciente humano a memória é dinâmica na sua ação de passado-presente. As possibilidades da mente humana na reconstrução de memórias

traem as recordações, as ações do espírito, elas enriquecem o palácio da memória que habita no ser humano. Por meio de construções – porque agora não falo mais somente de reconstruir a realidade, mas admito a ideia de construir a realidade, posto que esta é sempre uma criação da nossa interpretação da duração do tempo vivido, da relação de nosso espírito com o tempo – é que as lembranças são parte de nossas fantasias.

Ecléa Bosi (2003, p. 52) coloca que “O papel da consciência é ligar com o fio da memória as apreensões instantâneas do real. A memória contrai numa intuição única passado-presente em momentos de duração.” Aqui a interrelação da consciência e a memória é chave fundamental para apreender as experiências vividas por nós.

Assim como para Santo Agostinho, para Bergson a memória não funciona apenas como um depósito de lembranças, mas como a essência do espírito. Para Bergson a memória é a atividade do espírito. E ainda Bosi (2003, p. 52) diz que “A duração é o tempo vivido, o tempo do espírito anterior às divisões da percepção.”

O tempo na construção de um relato autoetnográfico deve ser visto não como um fator determinante ou limitado apenas com sequências cronológicas uniformes, mas como um vácuo a que posso mergulhar e descobrir a minha identidade por meio de minha memória. Memória-lembrança, memória-percepção, memória-espírito, memória e sua relação com o corpo, quando digo corpo, penso na complexidade do corpo humano (físico, psíquico, intelectual, mental, espiritual, cultural...).

Há ainda de se considerar a importância que tem a sociedade sobre a ação do espírito (memória) no Ser que experiência sua existência dentro de uma sociedade que partilha com ele a relação de passado-presente e realidade.

Bosi (2003, p. 53) acredita que

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa. [...] Tal como o tempo social acaba engolindo o individual, a percepção coletiva abrange a pessoal, dela tira sua substância singular e a estereotipa num caminho sem volta. Só os artistas podem remontar a trajetória e recompor o contorno borrado das imagens, devolvendo-nos sua nitidez.

A relação que é construída com o tempo e a partir deste com a memória perpassa um série de fatores que às vezes podem passar despercebidos. O tempo é sempre vários tempos. O tempo do indivíduo, o tempo da sociedade sobre o indivíduo, o tempo dos grupos sociais, o tempo como construímos nosso valor de tempo.

O indivíduo além de ser um é todo. O homem e a relação que o interliga ao outro, a comunidade, aos grupos, a família... ajuda-o a construir sua memória individual, mas também a sua memória coletiva. A relação que se estabelece com cada indivíduo é pessoal e transferível. A memória é individual, mas também coletiva. A verdade só passa a ser verdade quando partilhada.

A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e intérprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado. É claro que essa descoberta pode ser retomada em termos de “formações ideológicas” que reagrupam e interpretam num sentido ou em outro as lembranças individuais. (BOSI, 2003, p.54).

Tanto o homem é formado sob a influência da sociedade como influencia na formação social, é uma troca que se estabelece quando existe interação social do indivíduo. A memória, como participante deste processo, interfere firmemente na construção dos acontecimentos históricos ou ainda da identidade de um povo.

O homem também muda a memória social a partir de sua perspectiva, pois a memória é construída por ele. Assim nasce o que chamamos de sociedade. Sem a participação humana não existe a memória social de uma nação. A sociedade é responsável pela construção da memória coletiva. Somos participantes da construção de conhecimento e pensamento histórico.

O “Eu” como construtor de memórias, como peça chave para dados socioculturais nas pesquisas autoetnográficas e o “Eu” como fonte. Mergulhar em si, em busca do próprio espírito, nos labirintos da memória, evoca em mim uma catarse, um processo de desconstrução, de reconstrução, de explosão de sentidos, faz com que algo nasça sempre de novo. O Eu presente. Presente-passado-futuro-presente.

Paul Ricoeur (AGOSTINHO 2007 *apud* RICOEUR, 2010, p. 16) começa sua reflexão sobre o tempo e a narrativa autobiográfica citando o pensamento de Santo Agostinho: “Que é, pois, o tempo?”. Ele acredita que não devemos ignorar (numa meditação) as relações entre eternidade e o tempo. Se é colocada uma experiência viva nas ações do nosso espírito na construção das recordações é possível pensar que tudo aquilo que encontra a linha do tempo está sujeita a virar eterno (ou não). Ele prefere isolar a ideia de tempo da eternidade para poder destacar as características aporéticas da imagem eternitária do tempo. Seria então o tempo o fio que tece a memória? “O tempo é?” Agostinho (2007 *apud* RICOEUR, 2010, p. 17) afirma no que se refere a eternidade: “Quanto ao tempo presente, se fosse sempre presente e não passasse para o passado, já não seria tempo, mas eternidade.”

O que devo refletir da relação do tempo e sua linearidade é que dele sei pouco, e que a linearidade e a eternidade são características complexas quando é tratado do tempo. A noção de tempo está na verdade conceituada a cada um de acordo com suas experiências e cultura. Para Ricoeur (2010, p. 17) a resposta é como o pensamento Agostiniano, ele diz sobre o tempo que “Se ninguém perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não o sei.”

Ecléa Bosi (2003, p. 53) sobre a individualidade do conceito de tempo diz que: “Existe a noite serena da criança, a noite profunda e breve do trabalhador, a noite infinita do doente, a noite pontilhada do perseguido.”

O tempo é construído perpassando as realidades diferentes de cada um, as experiências que são vividas e que constroem “o que é o tempo?” Compreender o existir do Tempo é uma ação complexa que envolve a memória, mas não a memória de recordações apenas, mas a memória de espírito, a essência do que constrói de fato aquilo a que chamamos de Memória.

Há nos discursos e nas recordações uma busca incessante por algo que falta, a vontade de que na interrelação de passado-presente-futuro o tempo devolva aquilo (que eu chamo de “essência do espírito”, baseada em Bergson) que foi perdido.

O argumento cético é bastante conhecido: o tempo não tem ser, porque o futuro ainda não o é, porque o passado já não é e o presente não permanece. Contudo, falamos do tempo como tendo de ser: dizemos que as coisas por vir serão, que as coisas passadas foram e que as coisas presentes passam. [...] como pode o tempo ser, se o passado já não é, se o futuro ainda não é e se o presente não é sempre? (RICOEUR, 2010, p. 17).

Bosi (2003, p. 66) compartilha a noção de que “O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar.” Adentrar nas profundezas da mente perpassando nosso espírito, encarando imagens que surgem de lembranças antevendo a percepção pura ou impura fazem do “eu” um Ser corpóreo num espaço rico a que me entrego e denomino de Memória.

## 2.5 Coletando dados de uma memória pessoal

Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo – o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. (BARROS, 2006, p. 183, grifo nosso).



A autobiografia tem se tornado uma necessidade de rememorar as histórias pessoais de vida que contribui de maneira enriquecedora para um conhecimento social e reflexo dos costumes de vida social. Ela contribui para expansão e difusão de conhecimento por meio da escrita de si.

A escrita da intimidade do pesquisador representa por meio do relato de vida uma série de dados empíricos e teóricos que dialogam com o fazer etnográfico. Por meio da metodologia autobiográfica abrimos um leque de possibilidades que agregam diversos olhares sobre uma determinada realidade sociocultural. Os valores sociais estão imbricados nos relatos autobiográficos. Não se pode ignorar a voz autobiográfica de um pesquisador das informações que constroem a sua metodologia de pesquisa. A autobiografia é o método mais legítimo de interpretação de uma vida.

Na construção narrativa de um autor autobiográfico os relatos de suas experiências de vida tornam-se peça fundamental para o fazer autobiográfico. Neste caso, a vida do autor é a fonte de pesquisa, tendo como eixo a sua voz, a sua fala, a sua história, a sua memória e a suas recordações.

O sujeito passa a ser o próprio pesquisador, residindo a característica ímpar da formação de pensamento por meio da capacidade de auto-observação. Sem a maestria de coletar dados da própria intimidade, transformar esses dados em ciência e por meio dela construir uma metodologia, o autor perde-se no meio de sua voz narrativa. É necessário a capacidade de mergulhar profundamente em sua vida e desprender-se a ponto de entregar-se numa processo que deflagra a sua intimidade pessoal com a ousadia de ser pesquisa.

Estabelecer uma conexão entre as vivências do indivíduo com a sua realidade e a história pessoal com a história social permite uma análise cultural a partir dos relatos autobiográficos.

Por meio dos diários pessoais e memórias do autor chega-se a formação de pensamento autobiográfico. Utiliza-se documentos, testemunhos, história social para ter uma base formadora de investigação. Não se trata apenas de um “contar de histórias”, mas de uma história social do universo que habita o pesquisador-narrador. No livro “Confissões de Santo Agostinho, tem a partir de reflexões pessoais um dos mais aclamados livros de memória que através de um relato íntimo expressa uma cultura filosófica social.

A história de vida dentro do universo investigativo evolui como um movimento de pesquisa e formação de saber que expõem questões epistemológicas. A formação existencial do indivíduo pesquisador (autor) reflete a realidade social a que este pertence falando sobre uma cultura por meio de sua experiência de vida.

Compreender que estou inserida numa cultura social me permite apoiar-me em histórias de vida para interpretar o “todo” de uma sociedade. Faz existir a certeza de que a sociedade é construída por experiências de vida, e que estas são fontes valiosas para maturidade do saber científico. Toda pesquisa é autobiográfica. Afirmo isto porque acredito que o pesquisador em qualquer método investigativo está em busca de si mesmo e parte de si mesmo para construção de conhecimento. As subjetividades estarão sempre implícitas no processo investigativo de um pesquisador, ainda que o trabalho deste não se intitule autobiográfico.

“Todo retrato é, em certo sentido, um auto-retrato que reflete o espectador. Como ‘o olho não se contenta em ver’, atribuímos a um retrato as nossas percepções e a nossa experiência. Na alquimia do ato criativo, todo retrato é um espelho.” (MANGUEL, 2001, p. 177).

As pesquisas científicas são o espelho de nossos desejos. Pensamentos íntimos que necessitam ser expulsos em forma de inquirição para criar pesquisa.

Reconstruir uma memória pessoal é o ponta pé inicial para o trabalho autobiográfico. Não posso falar de relato de vida sem a memória. A memória a que me refiro nos capítulos posteriores traz aqui uma luz no processo investigativo da autobiografia. A memória espelho social, com a capacidade de evocar não só no indivíduo suas experiências de vida e seus sentidos latentes, mas capaz de evocar a história de vida de uma sociedade com seus desejos, sentimentos, pulsões e pensamentos, além de seu espírito social. Se em Bergson fala-se de memória como ação do espírito, me refiro aqui à memória coletiva, falo de um espírito social.

O material produzido por um pesquisador autobiográfico (ou autoetnográfico) pode deixar de ser questionado pela existência da subjetividade implícita no fazer da obra. É justo no universo de pesquisa das ciências humanas que deve-se romper com o ceticismo que ronda as pesquisas de relatos de vidas. Desacreditar da pesquisa pela voz autêntica do narrador em campo ou mesmo de sua intimidade que torna a ser geradora de dados não nos oferece um caminho humano nas Ciências Sociais.

É através do mergulho profundo de auto-reflexão que um cientista pode chegar na essência de sua Memória por meio da ação de seu Espírito. A percepção (dita impura) torna-se catalizadora do processo investigativo quando é permitido na pesquisa científica a auto-reflexão como método.

Para conhecer objetivamente quem somos, devemos nos ver de fora de nós mesmos, em algo que contém a nossa imagem, mas não é parte de nós, descobrindo o interno

no externo, como fez Narciso quando se apaixonou pela sua imagem no lago. (MANGUEL, 2001, p. 185).

Através do exercício de auto-reflexão, compreende-se (em parte) a magnitude de nosso Ser; e percebe-se as coisas que outrora passavam sem importância aos sentidos e só assim entender que tudo que existe ao redor tem poder de interferir em nossa realidade corpórea.

A construção da identidade se dá através de tudo que transpassa a percepção, seja em nível consciente e inconsciente. Existindo vida, existirá retorno. Todo o universo conflui para a maturação das personalidades. Estou numa eterna troca entre o meu corpo com o universo, numa harmonia ou caos de mim mesma com a realidade e fantasia. Sou formada pela interação do que existe dentro de mim com o que está fora. Habito. A minha existência constrói aquilo que sou. É pela minha experiência de vida que nasce a minha identidade.

O acontecimento completo é não só que alguém tome a palavra e se dirija a um interlocutor, mas também que tenha a ambição de trazer para a linguagem e compartilhar com outrem uma *experiência* nova. É essa experiência que, por sua vez, tem o mundo por horizonte. Referência e horizonte são correlativos tal como o são a forma e o fundo. Toda experiência possui um contorno que a delimita e a distingue e, ao mesmo tempo, se delinea sobre um horizonte de potencialidades que constituem seu horizonte interno e externo: interno no sentido de que é sempre possível detalhar e precisar a coisa considerada no interior de um contorno estável; externo no sentido de que a coisa no horizonte de um mundo total, que nunca figura como objeto de discurso. [...] Porque estamos no mundo e somos afetados por situações tentamos nos orientar nele pela compreensão e temos algo a dizer, uma experiência para trazer para a linguagem e para compartilhar. (RICOEUR, 2010, p. 133).

É na escrita autobiográfica que tenho a possibilidade de expor minhas experiências de vida, compartilhar a minha ideia de mundo, dividir com o outro aquilo a que tenho como cultura, tudo isto na compreensão de que tenho muito a contribuir com a realidade social por meio de minha individualidade.

Ao buscar a minha identidade, encontramos o outro dentro de mim por meio de nossa cultura, seja afinando ou contrapondo valores pré-estabelecidos.

No movimento de apreender e interpretar memórias, existe um vai-e-vem atemporal a que me disponho a entender o significado das coisas por meio da realidade, mas para que tais coisas ganhem forma torna-se necessário o sentido comum. Quando digo comum, quero dizer comunhão; que é quando há partilha de sentidos entre eu e outro, entre eu e o universo, entre o universo e o outro. Na transferência e no encontro, acho por meio da

partilha, a compreensão daquilo a que chamo de “realidade” (mesmo que seja ilusão, fantasia ou real).

Credito a um determinado acontecimento valor de sentido quando encontro alguém para dividir comigo. Eis aqui um ponto fundamental para a existência humana – a partilha, o social, a interação. E a interação, devo lembrar, está presente no vazio, no silêncio, na reclusa e até mesmo no antissocial. Basta existir para que haja troca.

A vida social do sujeito constrói a memória de uma sociedade, é por meio de cada história de vida que é possível ter a noção do todo. A coleta de dados para uma escrita autobiográfica passa não só pela sua casa e família, mas pela história de vida dos lugares onde o pesquisador habitou, nos valores de sua cultura, representa a reconstituição histórico-cultural de uma época. Dosse (2009, p. 11) afirma que “[...] uma vida individual com o objetivo de demonstrar como a existência inteira de um indivíduo cabe numa de suas obras, num de seus fatos [e] como, nessa existência, insere-se uma época inteira.” A história de uma sociedade é contada por meio das (auto) biografias de indivíduos que ali existem.

Dosse (2009, p. 11) coloca que na escrita biográfica o biógrafo acaba “possuído” pelo biografado passando a viver no mesmo universo que ele, sem saber distinguir o exterior do interior (Sob a camada do “ele”, a placa do “eu”). Assim reflito que da mesma forma que o biógrafo acaba abduzido pelo biografado (e isto demonstra o poder do “eu” sobre o “ele” e vice-versa). Podemos pensar como uma autobiografia pode interferir sobre o outro, o “eu” e o “outro”. É na história de vida do outro que me projeto e me encontro e é até mesmo nesta história que está refletida a minha sociedade. É por meio do “eu” que posso chegar a uma construção mais larga da humanidade. “As biografias nascem da rotina, mas depois se nutrem das aquisições da história erudita e do conjunto das ciências humanas. Tornam-se mesmo fontes de inovação.” (DOSSE, 2009, p. 11).

Está nas (auto) biografias a capacidade de embutir toda a subjetividade do autor na escrita de uma obra que se tornará um rica fonte de pesquisa social. Há ainda no conhecimento erudito um desagrado no que se refere as escritas de relato de vida, biografias, autobiografias e autoetnografias. Alguns teóricos ainda questionam a validade de contribuição científica que uma obra deste caráter possa ter. Alguns são céticos no que se refere ao uso do método da autoetnografia como construção de conhecimento e ciência. Desde as primeiras obras de auto-reflexão a academia questiona a riqueza de dados que uma autobiografia, por exemplo, possa oferecer.

Ademais, na época, o gênero não agradava aos professores universitários: Vale lembrar que, durante uns bons trinta anos, a biografia, embora continuasse na França

a gozar dos favores do público, foi entre os pesquisadores objeto de profundo desdém. (DOSSE, 2009, p. 27).

As escritas auto-reflexivas geram a memória de uma nação por meio das experiências de vida ali documentadas. Está nos fatos simples do cotidiano as expressões latentes de uma cultura. Ignorar a importância de uma escrita autobiográfica ou autoetnográfica seria negar o direito de se fazer ciência por meio deste método dentro (justo) das ciências humanas.

François Dosse (2009, p. 27) propõe pensar sobre a construção de biografias a partir do homem comum, não mais pensar em história de vida de grandes homens, de cidadãos ilustres na história da humanidade, mas voltar o olhar para o homem comum, aquele cuja vida “parece sem importância”, em que as classes desconhecem sua identidade e tão pouco interessam-se por ela. Mas é justamente neste homem que segundo Dosse (2009), Alain Corbin procurou o homem dito comum, um homem do povo. Aqui ele busca reconstituir, por meio de um personagem singular, um tipo ideal dotado das características de um tamanqueiro no mundo rural do século XIX. Procura-se neste tipo de pesquisa partir de um cidadão comum, não conhecido socialmente, sem status, para construir a história social de um povo. É o reflexo social no retrato individual da vida de um simples indivíduo. São os comportamentos sociais, as crenças de um povo, o universo histórico e mental de um homem que representa uma classe social. O homem que era comum ou como ele mesmo denomina apagados, engolidos pelo tempo torna-se agora, após a sua biografia um “herói”, um herói do povo. Ele representa toda a classe a qual ele pertence e as classe que estão interligadas a ela, é por meio da realidade deste simples sujeito, que agora é herói, que temos a história de uma nação. É preciso admitir a importância de uma autobiografia como uma das formas de pesquisa e pensamento. A sociedade está representada na vida cotidiana de cada indivíduo que a ela pertence.

Dosse (2009, p. 230) refletindo o pensamento de Sartre diz que “A escrita biográfica aparece-lhe como uma via de salvação, uma libertação de si.” Para o filósofo há na realidade humana por meio da autobiografia uma filosofia da liberdade. É na essência da escrita de si que está o outro.

### 3 SUBJETIVIDADE

#### 3.1 O indivíduo e a construção de identidade

Não seria possível separar da pesquisa o sujeito. O que constrói de fato uma pesquisa é aquilo que move o seu autor a buscá-la, a querer construí-la. Para a antropologia o uso da palavra subjetividade é referida como a vida emocional do sujeito.

A forma como lido com as experiências que vivenciei, construindo as minhas existências, faz com que a minha identidade seja construída pelos valores que habitam os lugares em que cresci.

Para a antropologia, as experiências de vida delineiam a formação de caráter e pensamento do indivíduo, sendo cada um formado pela junção dos valores de cultura, valores de história e valores de afetividade.

Subjetividade é um termo que constrói toda a estrutura do homem considerando olhar para esta realidade dentro da formação “ser pesquisador”. Admitir o sujeito subjetivo é acolher a sua complexidade.

Assim para a antropologia não seria possível tentar descrever, observar e entender o indivíduo e as diferentes formas de vida se não for possível refletir sobre tudo o que é a subjetividade que pulsa no homem e na sua constituição universal. Merleau-Ponty (2004, p.98) diz que “Aqui, o espírito do mundo somos nós, a partir do momento em que sabemos mover-nos, a partir do momento em que sabemos olhar.”

Luhrman (2006, p. 349) acredita que “Os antropólogos estão completamente interessados nas experiências emotivas individual e social do sujeito.” utilizando o termo “subjetividade” para se referir as maneiras que o homem pensa e sente.

Understanding that sculpting is at the heart of understanding the way individuals experience being caught within larger social worlds that structure even the way they feel. To do so, we need to sort out the distinctive features that psychological research identifies for us in the emotions. (LUHRMAN, 2006, p. 349).<sup>3</sup>

É um objetivo entender o comportamento humano nas sociedades existentes, deve-se propor a refletir sobre a representação da subjetividade na cultura. Carlos Fuentes (1995, p. 15) retira um trecho do Diário de Frida Kahlo e nos mostra como as emoções e

<sup>3</sup> Entender que os mesmos entalhes que estão no centro da compreensão de como a experiência dos indivíduos é capturada dentro de mundos sociais amplos como aqueles que estruturam o modo pelo qual os indivíduos sentem, é necessário que se separem as características distintivas, cuja pesquisa psicológica identifica como emoções.

cultura do sujeito formam a sociedade: “My themes, she said, are my sensations, my states of mind, my reactions to life.” (FUENTES, 1995, p. 15)<sup>4</sup>. A relação de Frida com o mundo em que habitava, sua história de vida e sua influência nas relações sócio-políticas, culturais e artísticas do México representam a arte (imagem) como linguagem social.

### 3.2 Individual, coletivo e social

É preciso que o pensamento de ciência – pensamento de sobrevôo, pensamento do objeto em geral – torne a se colocar num “há” prévio, na paisagem, no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar se uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. É preciso que com meu corpo desperte os *corpos associados*, os “outros”, que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me frequentam, que frequento, com os quais frequentam um único Ser atual, presente, como animal nenhum frequentou os de sua espécie, seu território ou seu meio. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 14).

A consciência de que, como indivíduo construo o social, perpassa pelas relações de construção afetiva, política, religiosa, histórica e cultural na qual me envolvo e que partilho com o outro.

Trata-se de um contexto em que as relações sociais estabelecem entre si a construção da cultura vigente, sendo eu, um indivíduo perpassado por ela e afetando o universo construído, num movimento contínuo e dinâmico.

No desenvolvimento dos valores sociais está presente toda a individualidade do homem. É a singularidade de cada um que dará a sociedade uma personalidade coletiva. O sentimento de pertencimento implica a estrutura de base para os valores que serão desenvolvidos numa cultura. Não existe no homem a possibilidade de se desenvolver sem relacionar-se socialmente. A cada um torna-se necessário a interação.

É sabido que o ambiente define o ser e ele também será interferido por ele. Não se trata mais da relação de troca homem versus meio e vice-versa, mas trata-se de entender como a personalidade e história de cada um pode estar inserida dentro da história social, estabelecendo assim mais a frente a relação de causa do indivíduo na escrita auto-etnográfica. Embora para que um exista é preciso admitir o meio como parte do homem. Na verdade não se pode separá-los.

---

<sup>4</sup> Meus temas, segundo ela, são as minhas sensações, meus estados de espírito, minhas reações à vida.

O *corpo social* faz pensar sobre a formação e pensar como isto influencia socialmente. Duarte e Gomes (2008) dizem que nas ciências sociais há uma discussão sobre a construção social da pessoa a partir de algumas características:

O da “alma”, individualmente criada e portada; o da “razão”, naturalmente implantada em cada sujeito humano; o da “igualdade”, que preside a sua posição no mundo ; o da “vontade” (ou livre-arbítrio) que permite à razão se expressar numa agência particular; o da “propriedade” de si; e das coisas do mundo; o da “interioridade” em que se espria sua autoconsciência; o da “singularidade” que os torna insubstituíveis em relação a cada um de todos os demais seres humanos; e o da “criatividade” que lhes permite inventar a singularidade de suas “vidas individuais”. (DUARTE; GOMES, 2008, p. 242).

Para Becker (2009, p. 17) “Somos todos curiosos em relação à sociedade em que vivemos. Precisamos saber, na base mais rotineira e da maneira mais comum, como nossa sociedade funciona.”

Defendo minhas intenções em relação ao individual e coletivo colocando exposto um trabalho visual em que parto da premissa de que a construção de um álbum de família pessoal poderá representar a construção do álbum de família da classe média social a que pertença, não sendo assim só a minha forma de constituir imagens de família, mas a forma com que a minha cultura poderá ter construído (culturalmente) o álbum de família.

As famílias que representam a realidade social a que pertença seriam assim tão diferente da minha? Certamente, como antes colocado, cada uma terá suas peculiaridades, mas ainda assim trarão elementos comuns na construção social do álbum de família, de como as imagens representam a imagem social dos indivíduos.

A representação social de uma realidade pode se dar, antes de tudo, pelo ato de reconhecer que uma história de vida de um sujeito (ou de uma família) representa o coletivo, o social.

A imagem como escrita (social), numa linguagem universal, na construção coletiva, em que os membros se utilizam de uma mesma linguagem para produzir uma escrita social. As maneiras do fazer fotográfico doméstico representando uma sociedade por meio de suas fotografias.



## 4 ANTROPOLOGIA VISUAL

### 4.1 A Antropologia

A antropologia tem sido influente na formação das culturas existentes, mais do que isto tem contribuído de maneira participativa na documentação das variadas formas de viver. O comportamento humano ou animal tem sua escala de evolução fazendo com que a história social do indivíduo esteja em constante processo de transformação e a estas mudanças comportamentais que se sucedem de geração em geração cabe a antropologia tentar compreender, analisar e registrar os universos sociais.

A antropologia nada mais é que a interpretação e compreensão humana das diversas maneiras de existir que a natureza comporta. O diálogo que existe entre culturas permite que o homem compreenda que a realidade é uma verdade, uma imaginação e uma fantasia. Para Geertz (2005, p. 11) “A antropologia é usada como termo equivalente de “etnografia”, ou de trabalhos baseados na etnografia.”

O antropólogo é um observador de culturas que por meio de sua compreensão de vida analisa e transmite o conhecimento a cerca do grupo estudado. Ele deve buscar conhecer o outro não somente por meios literários, mas acima de tudo entregar-se a pesquisa e investir numa relação de troca com o outro estudado, experimentando o gosto da realidade que vive aquele indivíduo pesquisado e sua cultura. Acredito que sem a relação afetiva construída entre pesquisador e pesquisado não existe uma verdadeira compreensão de mundo se não há cumplicidade.

O que um etnógrafo deve fazer, propriamente, é ir a lugares, voltar de lá com informações sobre como as pessoas vivem e tornar essas informações disponíveis à comunidade especializada, de uma forma prática, em vez de ficar vadiando por bibliotecas, refletindo questões literárias. (GEERTZ, 2005, p. 11).

O pesquisador que abraça a sua pesquisa antes de tudo busca colocar-se no lugar do outro para empiricamente entender o que a literatura pode fazê-lo entender. A cada um cabe a sua singularidade, o texto escrito, a pesquisa e a literatura são sem dúvida extremamente relevantes no processo da interpretação das culturas e na construção do saber nas ciências humanas, mas sem experimentar a verdade do outro, ele (o etnógrafo) não poderia falar daquilo que ele não tentou sentir. O real sentimento de cumplicidade acontece quando há entrega. Alguns etnógrafos fotógrafos como por exemplo, Pierre Verger acolheram a realidade de seus pesquisados para que só assim pudessem falar daquilo que um dia

sentiram. Tendo em seus trabalhos o reconhecimento de uma relação vívida entre o pesquisador e o indivíduo pesquisado.

A construção do saber que perpassa a subjetividade e a afetividade encontra em seus caminhos dificuldades para ser reconhecida como metodologia de pesquisa, principalmente se estiver sendo visto pelos olhos das ciências exatas. Para esta ciência os argumentos teóricos usados nas humanas são fracos e vulneráveis, tornando questionável o seu fazer científico.

Um conhecimento construído em relatos é por vezes questionado na análise de seus dados. Mas o que seria da antropologia sem as experiências vividas em campo pelo etnógrafo? Estariam descartados todos os dados coletados por antropólogos como Margaret Mead, Lèvi-Strauss, Bateson? Olhando de perto os trabalhos desenvolvidos pela antropologia no decorrer dos anos, é coerente admitir que muito ela contribuiu e contribui para o entendimento de mundo.

O antropólogo ao compreender uma realidade que não é a sua, ou é, no caso da autoetnografia, mergulha naquela cultura e mostra que, como diz Geertz (2005, p.15), deve ter “realmente penetrado numa outra forma de vida (ou, se preferir, de terem sido penetrados por ela) – de realmente haverem, de um modo ou de outro, estado lá.” E é aí, o convencimento de que esse milagre dos bastidores ocorreu, que entra a escrita.

Uma verdadeira narrativa etnográfica só ocorre quando o antropólogo abre mão de seus conceitos e permite uma ressignificação na sua forma de apreender a vida, ele se permite experimentar o novo. Alguns pesquisadores buscam ter um contato próximo com as vidas que estão latentes ali na sua frente na hora de ESTAR em campo.

Posso recorrer ao pensamento de Geertz (2005, p. 27) ao afirmar que

A antropologia implica, inevitavelmente, um encontro com o outro. Não raro, porém, a distância etnográfica que separa do Outro o leitor de textos antropológicos e o próprio antropólogo é rigidamente mantida e às vezes, até artificialmente exagerada. Em muitos casos, esse distanciamento leva a uma concentração exclusiva no Outro como primitivo, bizarro e excêntrico. O abismo entre o “nós” conhecido e o “eles” exótico é um grande obstáculo à compreensão significativa do Outro, um obstáculo que só pode ser superado através de alguma forma de participação no mundo do outro.

Cabe ao etnógrafo buscar tentar minimizar a distância entre ele e Outro. Deixando que suas subjetividades adentrem na pesquisa sem que para isto ele abra mão da objetividade que precisa ter um pesquisador. O centramento que um pesquisador precisa ter não deve estar ameaçado pela capacidade de reduzir uma distância entre ele e Outro ou por receio de um envolvimento que busque a relação de cumplicidade a que um bom antropólogo deve ter. O

amadurecimento numa pesquisa nasce quando há uma consciência da relação que se constrói em campo de maneira saudável buscando apenas uma humanidade no momento de conviver com o outro ao retratar a sua cultura.

A construção do conhecimento científico passa pela tênue linha do real estabelecido como verdade ou ainda como uma percepção individual do real. Como construir ciência sem recorrer as interpretações pessoais daquilo que pode vir a ser um dado científico cuidadosamente elaborado ou erroneamente compreendido? O homem não deve se eximir de sua responsabilidade com a ciência pelo simples fato de ser humano e de estar envolvido intrinsecamente dentro de sua pesquisa numa relação de proximidade com o Outro. Os fatos sempre serão fatos que carregam a interpretação do autor e não por esta razão deixam de ser fatos, ou dados a serem analisados. Se para as ciências exatas as ciências humanas são duvidosas, estamos construindo há anos um saber baseado numa ciência que se assume humana. O universo científico precisa mais de um caráter humano, pois é o homem quem constrói o saber. E já existem muitas conquistas científicas pela interpretação construída a partir de uma relação de proximidade entre pesquisador e o seu objeto de estudo. As exatas devem acolher o que há de melhor nas humanas, a sua capacidade de inteireza e entrega no campo de pesquisa. Se a ciência estivesse sendo produzida da maneira adequada não se teria chegado a realidade atual e a natureza não estaria tão desgastada pelas mãos dos homens que se utilizam do conhecimento e construção do saber rumo à destruição.

Para Foucault (2010, p. 203) “Os elementos são a base a partir do qual se constroem proposições coerentes, ou não. [...] Eles formam o antecedente do que se revelará e funcionará com um conhecimento ou uma ilusão, uma verdade admitida ou um obstáculo superado.” A percepção do pesquisador estará sempre sujeita a vitórias e fracassos, o cuidado com a pesquisa e o compromisso com a ciência é que fazem de um antropólogo um bom antropólogo. Lèvi-Strauss (1996, p. 390) sabiamente afirma sobre o etnógrafo, sua contradição e sua razão no fazer ciência. “Como a pedra que bate numa onda e encrespa sua superfície ao atravessá-la, para atingir o fundo é preciso, primeiro, que eu me jogue na água.”

Criada para interpretar e representar os modos de vida transculturais, a antropologia coloca-se numa situação delicada ao pensar imagens que podem tocar o real mas nunca representa-lo fidedignamente uma vez que a imagem em si é ambígua. Assim não poderiam os pesquisadores querer uma realidade objetiva, já que admite-se que a realidade sempre carregará consigo algo de subjetivo.

A maneira como os antropólogos apresentam a realidade pode ser levado em consideração uma série de fatores tais como, período histórico, valores culturais, vivência e

experiência de vida do pesquisador e no caso da antropologia visual, os regimes escópicos (Christian Metz) da época. Geertz (2001) em seu livro *Nova Luz sobre a Antropologia* nos diz que a cultura histórica de uma sociedade pode ser representada pelos historiadores e antropólogos enfrentado o desafio da sobrevivência pela maneira como os antropólogos trazem a realidade para perto de nós e como os historiadores lhe dão um sentido atual quando se trata sempre de um passado, posto que o presente já passou, ainda que a memória passada seja sempre presente.

Há uma necessidade do homem de buscar conhecer a si e o outro, há na verdade uma busca de compreender a Si “através” do Outro e vice-versa. A ânsia de interpretar a realidade e o desejo árduo de dar um sentido às coisas fez com que a antropologia assumisse na história uma função de valor epistemológico, seja ele de caráter sociológico, histórico ou psicológico, ou até quem sabe as três capacidades.

O conhecimento é uma característica intrínseca do ser humano e abre percursos desconhecidos a medida que o pesquisador encontra respostas para as suas perguntas e entra numa roda viva de quanto mais se sabe menos se conhece e mais se quer saber.

A antropologia é a busca incessante de compreender o Outro, de interpretar costumes de conhecer realidades distantes e próximas da sua. Geertz (2001) ao discutir a relação entre história e antropologia coloca que a antropologia é vista como aquela que se detém nos detalhes, nas coisas comuns do cotidiano social. E para isto não posso dar, na verdade, pouca importância. É justo nestas minuciosidades que a interpretação das sociedades tem sido vista pelos olhos da etnografia.

[...] levam os historiadores a acusarem os antropólogos de gostarem de minudências, de se atolarem nos detalhes do obscuro e do sem importância, e levam os antropólogos a acusarem os historiadores de esquematismo, de perderem o contato com os dados imediatos e as complexidades, de não terem “sensibilidade” (como gostam de dizer, considerando-se possuidores dela) para a vida real. Como muralistas e miniaturistas, eles têm certa dificuldade de perceber mutuamente o que cada um vê nas perfeições diminutas ou nos desenhos grandiosos. (GEERTZ, 2001, p. 112).

Mas cabe também a antropologia buscar entender a complexidade das realidades que desenham o mundo e seus universos culturais. Em se tratando de antropologia é sábio aceitar o fato de que pouco é estudado até hoje sobre as sociedades existentes e seus hábitos. As filosofias de vida que habitam os universos sociais não estão nem um pouco representadas dentro do espaço que a antropologia pode ocupar. Ainda é pouco o que foi construído em termos de pesquisa dado a amplitude que é a realidade sociocultural da vida animal. “Há uma

tremenda desigualdade, assim como uma tremenda instabilidade, na atenção antropológica. Nada é estudado em toda parte ou por muito tempo.” (GEERTZ, 2001, p. 125).

Estariam certos como colocar conceitos de realidade e verdade? Estaria a nossa verdade estabelecida realmente como verdade? O que viria a ser a interpretação de uma determinada cultura analisada por uma outra determinada cultura? Quem estaria certo aos olhos de quem? E poderia ser analisada esta ou aquela cultura? Ou não seria apenas função da antropologia interpretar dados? Conhecer realidades? Estamos capacitados a realizar este tipo de conhecimento? O que está de fato fazendo a etnografia? Sem dúvida existe uma complexidade nas culturas existentes. Mas será realmente que a antropologia não dá conta na tarefa de traduzir culturas? Cabe a ela o merecimento ao construir um saber que se propõe a escrever as diferenças transculturais. Compartilhar e fazer dialogar as realidades socioculturais mais do que nunca tem sido uma função que a etnografia tem desempenhado com maestria.

Resumindo seria a antropologia uma das ciências responsáveis pela compreensão dos hábitos culturais, buscando compreender as sociedades existentes. Lembrando que cultura, sociedade, nação, povo, país, dentre outros, são às vezes equivocadamente colocados de maneira padrão pelos estudiosos como se fossem uma mesma coisa ao que deve ser levado em consideração a circunstância a que cada um é mencionado. Geertz (2001, p. 204) coloca

O padrão se repete com “sociedade” (“associação com o semelhante”; “relação com pessoas”; “conjunto de pessoas que convivem [numa] comunidade ordeira”; “sistema ou modo de vida adotado por um corpo de indivíduos para fins de convivência harmoniosa”; “ligação... união... afinidade”). Mas é com o termo mais radicalmente consolidante a série, e o mais esquivo, “nação”, que ele chega a sua expressão mais plena, com a palavra atraindo todas as outras para si como um estranho atrator semiótico.

A antropologia tem na história da humanidade desenvolvido a compreensão das culturas e antes de tudo ela tem realizado uma tarefa muito importante, a de aproximar realidades, a de tornar próximo aquilo que outrora parecia distante. Ela torna legível códigos indecifráveis para quem não conhece uma realidade diferente da sua, e apresenta as possibilidades de diálogo entre culturas.

Nela procura-se a construção de conhecimento através da capacidade de entrega do pesquisador em colocar-se no lugar do outro, a interpretação de mundo que está para além de minha exclusiva realidade. Ao perceber o outro como parte do meu universo, posso construir um mundo que está com seus valores, embora diferentes, interligados. “Para a

imaginação antropológica, o ‘nós’ é um verbete num dicionário geográfico cultural, e o ‘aqui’ é nossa casa.” (GEERTZ, 2001, p. 114).

Ao etnógrafo cabe a tarefa de transcrever, seja por meio de textos escritos, de imagens, de sons ou qualquer outra linguagem que seja a realidade das culturas que construíram e constroem a nossa história. Ainda Geertz (2005, p.12) afirma que “Os bons textos de antropologia são simples e despreziosos.” Assim, posso acreditar que um bom antropólogo encara o processo de conhecer as diferenças, ou ainda, as similaridades culturais como uma tarefa simples, e que a melhor característica de um etnógrafo seria a de desapego. Reconhecer que a verdade não está somente na sua sociedade, mas na troca sociocultural entre as nações.

## 4.2 Por uma cultura visual

Freud suggested that Scopophilia – pleasure in looking – was one of the basic drives with which all (sighted) children are born, and the visual is especially important in the work of the psychoanalyst Jacques Lacan. Lacan, building on various claims of Freud, argues that certain moments of seeing, and particular visualities, are central to how subjectivities and sexualities are formed. (ROSE, 2007, p. 107).<sup>5</sup>

Segundo Huot (1991, p. 35) “Escopofilia” é um termo usado por Freud que se refere ao “prazer de ver” e também o “prazer de ser visto”. Na construção da identidade social está presente a individualidade de cada ser que traz consigo sua personalidade, cultura e história que perpassam o imaginário coletivo sendo este construído também pela cultura visual estabelecida no universo social humano. A imagem assume um lugar de relevância na sociedade, uma vez que ela toma corpo na vida do homem, mudando o comportamento do homem, interferindo nas suas opiniões. Somos formados pelas imagens que nos cercam, assumimos nossas identidades por meio delas, fazemos nossas escolhas políticas, econômicas, religiosas, espirituais etc., pela influência que as imagens causam em nós. Se ela interfere nas decisões, gostos e pensamento humano, então admitimos assim que a Imagem tem “poder”, poder de decidir, mudar e intervir.

O lugar da imagem está nos livros, nas músicas, nos cheiros, na pele, na textura das coisas, ela torna-se presença viva na matéria e no que é imaterial. Podemos ouvir imagens, sentir imagem, falar imagem, ler imagem, tocar imagem, cantar imagem. Ela assume

---

<sup>5</sup> Freud sugere que escopofilia – prazer de olhar – era uma das unidades básicas que cada uma das crianças que nascem, e o visual é especialmente importante no trabalho do psicanalista Jacques Lacan. Lacan fez várias reivindicações ao trabalho de Freud, argumentando em certos momentos de ver, e visões particulares são centrais para subjetividades e sexualidades que são formadas.

diferentes formas, presente em diversas linguagens. Assim quero acolher a imagem como uma cultura, uma escrita, uma comunicação. Penso por meio dela e pesquiso por meio dela. A imagem como método de pesquisa assumindo seu espaço social dentro de uma cultura que a relega sempre a uma segunda categoria dentro da academia. Já não convém negar o lugar que cabe a ela estar, a linguagem que ela pode assumir. As ciências sociais tem o compromisso de construir conhecimento também através da linguagem visual, utilizando a fotografia como método de pesquisa.

A visualidade existente culturalmente tem incitado questionamentos a respeito da importância da vida social das imagens, de como elas podem evocar sentimentos, presença, pensamentos – e como foi dito anteriormente – decisões. Posso observar a vida social do sujeito por meio das imagens que representam a sua realidade simbólica.

A imagem provoca. Ela causa inquietude, faz surgir ações (conscientes ou inconscientes) por meio delas. A fotografia, como pesquisa, busca dar lugar a imagem com caráter científico, com igual autonomia conquistada por outras formas de escrita.

Para além disso devo acreditar na imagem como uma extensão da forma de fazer pesquisa na antropologia. Sugerindo assim que ela seja uma linguagem autônoma na construção da identidade cultural do indivíduo, lutando por uma cultura visual que a fotografia como método investigativo pode oferecer.

Rose (2007, p. 228) nos propõe pensarmos a imagem como “A materialidade do objeto visual” em que os objetos têm sua propriedade particular. Ela afirma que existem três aspectos na materialidade deles: “a forma visual” – refere-se ao que as imagens mostram; “a forma material” – a qualidade física do objeto visual; e a “forma de apresentação” – a maneira como a imagem é apresentada à pessoa que a está olhando (no caso das fotografias por exemplo, elas podem ser apresentadas em quadros, em álbuns etc). Assim me permito refletir não só a informação que está na imagem, mas como esta imagem toma forma na sua materialidade, tomando corpo e identidade na sua representatividade.

What is done with a visual object in a particular location. The materiality of an image in context is in part about how its ‘objectness’ is constructed by those people doing things with it. Another set of questions addresses what is actually done with a specific visual object. (ROSE, 2007, p. 228).<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> O que é feito com um objeto visual num determinado local. A materialidade de uma imagem num contexto é em parte sobre como estes “objetos em construção” são construídos por aquelas pessoas fazendo coisas com ele. Outro conjunto de questões colocado é o que atualmente é feito com um específico objeto visual.

Devo pensar sobre como as imagens dialogam com os valores culturais, como elas constroem esses valores e interagem socialmente na representação do indivíduo. A humanidade vive desde o começo de sua história com a cultura visual presente nas mais variadas formas. Assumir não hoje, não agora, mas desde sempre a importância que a imagem ocupa na humanidade e na sua evolução.

Ofereço a seguinte reflexão: Não estariam os humanos fatalmente destinados a se comunicar? A comunicação é algo inerente ao ser, a problematização ou a solução é atentar ao fato de que há comunicação em várias esferas, em diferentes linguagens, o corpo fala nas suas mais variadas formas. Como pode a ciência então relutar quanto ao fato da fotografia ser uma linguagem com força icônica tanto quanto um texto escrito? As infinitas possibilidades de “meios” na sociedade contemporânea surpreende constantemente com as novas formas comunicacionais. A sedução pela era das redes sociais, faz aceitar o universo da internet como real e não pode acolher a fotografia como escrita? Por ventura pode o homem ignorar a imagem?

Os “meios” de comunicação estariam oferecendo maneiras diferenciadas de perceber uma mesma realidade e com ferramentas distintas produzir um conhecimento que pode se expandir em suas múltiplas formas.

Estaria o homem encontrando cada um em sua subjetividade a sua maneira de traduzir o mundo. Pelas diferenças ter um enriquecimento na construção do saber. É pelo olhar que se diz “autêntico” que há apreensão do universo de várias maneiras e de cada linguagem ricamente produzida de sua personalidade. Compreender realidades distantes, ou mesmo compreender nossa própria realidade faria expandir conhecimento como todo bom antropólogo deve fazer. Mas, por este olhar e pelo espírito único de cada ser se constrói o mundo. E vemos aquilo que “podemos” ver, ou que nos permitimos ver. Olhar é antes de tudo uma escolha, uma entrega.

Claude Lévi-Strauss (1996, p. 54) diz que:

Toda paisagem apresenta-se de início como uma imensa desordem que nos deixa livres para escolhermos o sentido que preferimos lhe atribuir. [...] Essa linha tênue e confusa, essa diferença quase sempre imperceptível na forma, e a consistência dos detritos rochosos testemunham que, ali onde hoje vejo um terreno árido, dois oceanos outrora se sucederam.

A visualidade escrita por um etnógrafo fotógrafo carrega consigo uma representação além da realidade, carrega a realidade do fotógrafo pesquisador. Em toda sua carga semiótica e simbólica estará imbricado também a dos símbolos que transpassam a



cultura e o olhar do pesquisador. E assim cabe admitir que não existe pesquisa sem pesquisador, portanto não existe pesquisa sem subjetividade. E como poderia o etnógrafo querer apreender uma realidade se este não estiver sensível às percepções que estão para além do visível e que só se encontram na estrutura do SER, do espírito do homem pesquisador. Se não houver questionamentos, conflitos, direcionamentos, não haverá pesquisa. Toda e qualquer pesquisa é antes de tudo um retrato da mente do pesquisador. Ainda que este esteja lhe lidando com uma realidade completamente nova e que aparentemente difere da sua.

E se, mesmo pensarmos que a imagem vem carregada de dados, representações socioculturais, carga afetiva e cultural de seu autor pesquisador, traz consigo o estigma de ser uma linguagem “fraca” como método de pesquisa, não podendo ser escrita, ... Ainda assim ela tem o poder de dominar nações. Como seria então admitir a sua potencialidade?

A imagem é uma forma de escrita autêntica e cumpre a função de ser objeto e método nas ciências sociais. Acredito na força da imagem como linguagem e os ganhos que ela pode trazer a esta pesquisa autoetnográfica visual. Etienne Samain (2005, p. 54) coloca em seu texto *Questões Heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais* que a imagem está inserida nos mais diversos meios de comunicação, se faz presente em todas as oralidades e que se refletirmos ela estará reafirmando a sua presença constantemente em outras formas de linguagem, ainda que não seja uma fotografia. Samain (1998, p. 54) defende a teoria das Imagens e suportes imagéticos diferentes que

Ao focalizar mais precisamente a questão das imagens, eu diria que elas estão presentes em cada e em todos os meios da comunicação humana. [...] Visando, desta vez, às palavras, às frases, à escrita, acrescentaria que, todas, finalmente, não passam de imagens, outras imagens: imagens adestradas, domesticadas, codificadas, lineares, signos imagéticos.

Posso propor nesse projeto que a imagem seja considerada uma forma de escrita única e que carrega consigo a sua capacidade interpretativa de apreender culturas, dados e significados que contribuam para uma pesquisa qualitativa de base para a formação do conhecimento antropológico a qual denomino de Autoetnografia Visual reconhecendo o poder da imagem e sua onipresença.

### **4.3 Fotografia etnográfica**

A Sociologia e Antropologia têm cultivado a esperança de que a fotografia (e também o filme e o vídeo) possa ser utilizada como fonte e registro factual de informações de trato sociológico (e antropológico) sobre a realidade social. Uma fonte que documentasse o que os instrumentos usuais e já tradicionais de pesquisa

não documentam ou documentam insuficientemente, uma novidade mágica na revelação de dimensões novas e inesperadas da realidade social. (MARTINS, 2009, p. 9).

A Antropologia teve um amadurecimento desde que acolheu a imagem como uma escrita única para traduzir códigos sociais que somente instrumentos como a fotografia podem comunicar, posto que ela ocupa um espaço próprio é chamado de documental, conquistando o campo da Sociologia e Antropologia, ganhando a identidade de “Fotografia Etnográfica” ou ainda “Antropologia Visual”, cujos conceitos mantém certa similaridade. Sendo assim, nesse trabalho, ao nos referirmos à fotografia etnográfica e antropologia visual estão tratando de assuntos que compartilham dos mesmos princípios epistemológicos e metodológicos.

Assim, é perceptível que a construção da imagem está imbricada do caráter imaginário do pesquisador, configurando desta maneira a imagem como representativa do real e corpus do imaginário.

A fotografia suscita uma realidade fictícia em que o imaginário torna-se verdade admitindo os caminhos de ilusão. A presença da fantasia e do ficcioso na circunstância verdadeira dos fatos torna a imagem uma realidade de dimensão mais extensa, onde perco de vista o que pode ou não ser palpável. Desta forma apreendo aquilo que é exposto numa fotografia à maneira como os olhos “podem” ver.

Mas nem por isto os pesquisadores deixam, dentro deste universo complexo, de revelar conhecimento rico em informações que nesta linguagem só a fotografia pode oferecer. Cabendo a ela uma função importante nas ciências humanas.

Admitindo que ela em si mesma nunca será suficiente. Mas qual instrumento de pesquisa é suficiente no campo investigativo, se todos se complementam? Aderir a imagem como documento sociológico é, sem dúvida, um desafio por adentrar no mundo em que não dominamos por completo.

O etnógrafo quando aceita investigar e usar a fotografia como instrumento de pesquisa impõe-se a escrita de um caráter rico, mas assim como todos os outros, limitado, pois ao eleger tal linguagem como forma de expressão maior, o pesquisador poderá ter ganhos, mas também terá de aceitar as perdas. Em muitos casos, a depender do objeto de estudo, a fotografia apresenta um universo que somente ela pode escrever e muitas vezes traduzir. Não ocupa o lugar do texto, nem da fala, mas apenas o seu lugar. A imagem fotográfica é uma grande aliada na atividade da observação ainda que não domine os códigos de visualidade por ser um terreno extremamente fecundo.

A fotografia de ações sociais leva a um universo que transborda de informações não verbais (COOLIER, 1973). As estruturas complexas de interação social, símbolos culturais, identidades sociocultural e estrutura psicossocial podem e são representadas através da fotografia. O seu uso elabora códigos extremamente relevantes para a leitura dos fenômenos os quais observa um antropólogo. A sensibilidade, característica ímpar do pesquisador, é deflagrada nas imagens que são produzidas dentro do universo de pesquisa.

A fotografia etnográfica apresenta uma função descritiva ao registrar aspectos que identificam comportamentos e ações dos indivíduos dentro das comunidades existentes. Por meio dela uma simples observação capta um momento específico que representa a vida cultural do homem dentro da sociedade naquele instante. Imagens que são transformados em dados estatísticos. O que é imagem agora é uma rica fonte de informações para a realização do trabalho do antropólogo.

Dentro da atividade de campo o pesquisador observa fenômenos que podem ser espontâneos e momentâneos ou comportamentos que são incidentes na comunidade. Logo na edição das fotografias ele saberá pesar quais podem realmente ser utilizadas como dados qualitativos e quantitativos e quais são descartáveis por não serem parte do comportamento sociocultural da localidade.

O processo de edição no trabalho de um etnógrafo é uma das ferramentas mais importantes na hora de definir o viés da pesquisa, sendo cuidadoso com o ato manipulador de mostrar os fatos pela sua lente apenas. Certamente não há dúvidas do envolvimento e da subjetividade do pesquisador imbricadas na produção da pesquisa, mas deve-se tentar acima de tudo prezar pela qualidade e veracidade das informações ora expostas na apresentação da investigação e seus métodos.

É de responsabilidade do autor assumir um cuidado com a percepção dos fatos sociológicos e sua tradução. Na escrita escolhida é necessário fazer uma investigação de cunho visual sem que esta sirva apenas de ilustração para o desejo frívolo de pesquisadores que não buscam a construção de um verdadeiro “fazer etnográfico”.

Observar a vida social do sujeito através da fotografia tem sido uma tarefa importante e desafiadora para os antropólogos que estão preocupados com o que é feito com os materiais visuais, sobre como a produção científica tem se apropriado da ferramenta fotográfica como método na ciência descritiva sociológica. As imagens podem provocar leituras e resultados dos quais os próprios pesquisadores não têm conhecimento e entendimento. Para isto serve a descoberta etnográfica. Mas a esta linguagem visual busca-se um espaço merecedor de sua escrita rica e informativa. A provocação feita pela fotografia é

antes de tudo um ato de entrega do pesquisador que se predispõe a interpretar e interagir com outras culturas ou ainda de forma mais profunda com a sua própria cultura.

#### 4.4 Recursos de uma visualidade para uso da Sociologia como discurso

Audience studies are concerned with social identity and its relation to the meaning of images. They explore how that identity affects the decoding of that meaning, and how the process of decoding is itself part of making identity. Their emphasis is thus on the process of interpretation undertaken by audiences on images. (ROSE, 2007, p. 217).<sup>7</sup>

As imagens que constroem um discurso antropológico são tomadas pelos detalhes que elas exploram, pela capacidade de transformar momentos aparentemente simples em ricos dados de pesquisa. O uso da fotografia dentro da sociologia é uma expressão das diferentes mentalidades e construções históricas que refletem a intenção documental do sociólogo.

Antes de produzir, o pesquisador pensa e reflete as intenções do seu trabalho ainda que não tenha entrado em campo. As vivências e experiências do antropólogo fazem com que a sua intencionalidade, o seu imaginário e a escrita de seu discurso perpassa a sua existência no campo de pesquisa.

O fotógrafo etnográfico escreve com imagens tanto quanto um pesquisador com documentos. O que é colocado aqui é essas imagens que são produzidas pelos fotógrafos-pesquisadores, são os documentos de sua pesquisa. A imagem como fonte de pesquisa.

Ao antropólogo que escolhe ser também fotógrafo (e não usar a fotografia como auxiliar de pesquisa, mas a sua própria ferramenta) cabe uma consciência visual. Entender que a imagem viabiliza caminhos que nenhum outro discurso pode percorrer. Ela difunde uma cultura imagética que encontra em si mesma a força de uma pesquisa documental e antropológica.

A sociologia busca a interpretação do comportamento social e a fotografia pode não só registrar o óbvio, mas trazer à tona o que não está exatamente exposto, ela escreve o que é visível e o que é invisível, ela mostra o que está oculto aos nossos olhos, ou documenta o que é visto. Ela toca aquilo que está disperso no tempo – o momento. O passado trona-se presente na fotografia e o presente torna-se passado. Pela imagem o tempo é fluido. A fotografia nem de longe substitui o real, mas é uma construção imaginária do real.

---

<sup>7</sup>Estudos de audiência preocupam-se com a identidade social e sua relação com o significado das imagens. Eles exploram como estas identidades afetam a decodificação do significado, e como o processo de decodificação é ele mesmo parte da construção de identidade. Eles dão ênfase nos processos de interpretação extraídos das audiências acerca das imagens.

O modo de ver das sociedades contemporâneas têm influenciado nos comportamentos sociais e nas ciências. Desde a pintura a outros tipos de linguagem a fotografia hoje ocupa um espaço na cultura antropológica que dá ao pesquisador a liberdade de outras formas de escritas que não sejam as ditas “convencionais”.

O uso da sociologia como discurso apresenta atualmente a fotografia como uma de suas disciplinas e ferramentas de trabalho. O sociólogo além de tudo é fotógrafo na antropologia visual. Na antropologia aquele que se dispõe a trabalhar com imagens, e este enfrenta um grande desafio, está disposto a dialogar com elas, a interpretá-las e a saber escrever com elas. E como escrever se não souber por meio das palavras falar? Roger de Piles afirma no livro de Alberto Manguel (2001, p. 27) que “A pintura deve desafiar o espectador [...] e o espectador, surpreendido, deve ir ao encontro dela como se entrasse em uma conversa.”

Penso que posso substituir a ideia de pintura por imagem e imagem como fotografia. A fotografia deve desafiar o espectador e o espectador, surpreendido, deve ir ao encontro dela como se entrasse em uma conversa. Seria esta a proposta da fotografia como recurso de linguagem para uso de uma sociologia como discurso. A imagem fala. E, antes de tudo, conversa. O diálogo entre a fotografia e o espectador é a essência para a construção de um discurso sociológico.

Se pesquisadores e construtores de imagem, não souberem fotografar, não saberão tornar a pesquisa etnográfica numa narrativa. Refiro-me aqui a uma narrativa visual (a que tanto discorri nos parágrafos anteriores).

Na antropologia visual a imagem se faz presença narrativa na construção do saber científico do pesquisador, que em tempos de outrora se utiliza dela apenas como recurso ilustrativo. Hoje com o amadurecimento da sociologia e das ciências sociais, não mais. Não mais a imagem é a ilustração, agora ela é a Escrita.

A imagem como escrita muda a concepção do discurso sociológico, faz da sociologia uma ciência mais larga, mais flexível e certamente mais rica. O poder a que é entregue a imagem na cultura universal é sem dúvida o mesmo poder que ela tem de escrita. Se é feito tanto uso da imagem na sociedade, é porque há diálogo constante com ela. E se há diálogo, então é possível escrever com ela. Ainda que para isto seja necessário aprender a lê-las. E para o sociólogo aprender com elas a escrever.

Não se trata mais de justificar o uso da imagem como narrativa, trata-se de afirmar a imagem como narrativa.

Manguel (2001) afirma que o sujeito só pode ver aquilo o que vê antes e que em toda imagem busca-se não o que já se conhece (de alguma forma). Assim como para o texto só se consegue ler uma gramática a qual se sabe ler, nas imagens só é possível ler aquelas que podem ser vistas.

Misteriosamente toda imagem supõe que eu a veja. [...] Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas – , atribuímos a ela o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001, p. 27).

As imagens são construídas inspiradas por muitas outras imagens. Produzir narrativas visuais a partir das experiências que existem com outras narrativas sejam elas visuais ou não. O certo é que vemos em tudo o nosso reflexo.

A imagem existe. Quando adentra o meu universo humano ela ganha uma nova forma, sendo lida pelos meus valores, ainda que cada uma delas tenha um significado, estará sempre repleta do meu próprio significado. A imagem acontece dentro de mim, e ganha vida pelos meus olhos. Somente aquilo a que me permito ver. Ela será sempre aquilo à que resolvo dar um significado. As imagens silenciam. Ao serem apreendidas por mim elas silenciam e entram em processo de ebulição. Elas se transformam, elas me transformam. Atribuo as imagens às minhas experiências e no ato criativo da produção de minhas próprias imagens, está ali, mais uma vez, “elas”, as imagens a que me permiti ver, dentro das imagens que criei.

## 5 AUTOETNOGRAFIA COMO MÉTODO

### 5.1 As narrativas do “EU”

“Therefore, the notion of culture predisposes the co-presence of others even in a discussion of “individual culture.” Autoethnography, therefore, should reflect the interconnectivity of self and others.” (CHANG, 2008, p. 54).<sup>8</sup>

As várias possibilidades de escritas de auto-reflexão possibilitam realidades que sejam um compartilhar social, fazendo entender as existências humanas como nossas.

Sentir-se parte construtiva de um processo histórico-social faz do autoetnógrafo mais do que um narrador de histórias, dá a ele a oportunidade e responsabilidade de ser o vínculo estabelecido entre histórias pessoais e histórias sociais, mostrando que o eu é uma nação.

Assim não posso desprezar a individualidade de cada membro social, sua história e entender que é através do outro que me compreendo. Carlos Fuentes (1995, p. 13) ao discorrer seu trabalho sobre o Diário de Frida Kahlo nos questiona: “How did Kahlo transform personal suffering into art, not impersonal, but shared?”<sup>9</sup> Não posso negar as relações de cumplicidade em que estou envolvida. Ao social que tanto concordo ou discordo chego ao senso de que o que move é estar conectado ao mundo que habito e que é este mundo que me forma como indivíduo.

Você não pode escrever um ‘eu’ sem que esse ‘eu’ seja lido como um ‘eu’ do tamanho da Ilha, como uma representação da identidade cultural, da identidade coletiva. Isto é particularmente verdadeiro em trabalhos autobiográficos, mas também é o caso de outros gêneros (ficção, história, poesia) que não fazem qualquer reivindicação sócio-científica explícita. (JAFPE, 1997 *apud* VERSIANI, 2005, p. 162).

Entender o outro sempre foi uma tarefa da antropologia, os trabalhos de Geertz, de Lèvi-Strauss, de Margaret Mead, entre outros sempre tiveram o foco em entender culturas que estavam fora de suas realidades. Hoje é também função da antropologia entender o ‘eu’ inserido na sociedade em que vive o pesquisador. A estas duas realidades é denominado de

---

<sup>8</sup>Portanto, a noção de cultura predis põe uma co-presença de outras pessoas mesmo numa discussão sobre cultura individual. Autoetnografia, portanto, deve refletir a interconectividade de si e dos outros.

<sup>9</sup>Como Kahlo transforma o sofrimento pessoal em arte, não impessoal, mas compartilhado?

‘outsider’ e ‘insider’, a primeira é referida aos antropólogos que detêm a sua atenção a entender a cultura do outro e o segundo a entender a sua própria cultura, embora alguns teóricos acreditem que todo trabalho etnográfico fala direta ou indiretamente sobre si, chegando a afirmarem que toda escrita é autoetnográfica.

Na tentativa de tentar entender as formas de escritas do ‘eu’ devo começar por definir as narrativas biográficas sem que esta se confunda com a autoetnografia. Sobre as diferentes maneiras de narrativa reflexivas, Versiani (2005) destaca que existe diferença entre biografia – que é o relato de vida de uma pessoa narrado por outra pessoa a partir de registros e documentos; autobiografia – o relato de vida de uma pessoa narrado por ela mesma; história de vida – uma narrativa que rememora a total duração de uma vida; e história de vida – uma narrativa que mostra os principais acontecimentos da vida de uma pessoa enfatizando relacionamentos importantes.

A escrita autoetnográfica vem transformar o método tradicional da etnografia propondo uma nova perspectiva de construir pesquisa. O etnógrafo traz para a construção do saber científico não apenas as suas experiências no campo da pesquisa que se restringem a um diário de campo, mas coloca a sua vida como escrita construtiva etnográfica. O que era antes objetivo para que fosse ciência, admite e acolhe a existência do subjetivo como a própria ciência.

A autoetnografia é considerada um método de terreno arenoso, em que uma narrativa pessoal tem que ser vista de maneira cuidadosa para que a história de vida do etnógrafo não passe de um “contar de histórias”, mas esteja ali representando um estudo cultural aprofundado que coloca em cheque as questões sociais a partir das experiências do pesquisador e de que forma as evidências e análises do pesquisador sobre sua realidade podem ser interpretadas para terem uma aplicação científica. Assim como qualquer pesquisa etnográfica, existe um recorte e um objetivo a ser buscado, numa autoetnografia não se produz um processo narrativo da vida íntima do etnógrafo só para representar sua vida, mas busca-se nessa narrativa a chave de toda pesquisa científica: uma “pergunta” que exige ao final de um projeto uma resposta. Uma resposta que lance no universo acadêmico uma contribuição para o saber científico. O etnógrafo se oferece ao universo erudito.

Mas para construir uma autoetnografia sem perder de vista o caráter científico e trocar no meio do caminho a pergunta que move um pesquisador pelo brilho de sua própria memória, é necessário cuidados que alguns autores alertam ao desenvolver uma etnografia do eu. Não se trata mais de “si” apenas, não se pode deixar cegar pela beleza da memória (ainda que essa traga consigo suas dores), mas deve-se ter foco sobre o recorte posto como fio



condutor da pesquisa proposta pelo pesquisador. E este discernimento só ele mesmo poderá ter. Somente ele poderá ser vigilante em seu caminho para, ao se perder, saber voltar a trilha que o levará à ciência.

O autor Heewon Chang (2008, p. 57) nos adverte sobre algumas armadilhas da autoetnografia:

Although Autoethnography has many benefits, it can also become a research method with little social impact if several pitfalls are not carefully avoided. They include (1) excessive focus on self in isolation from others; (2) overemphasis on narration rather than analysis and cultural interpretation; (3) exclusive reliance on personal memory and recalling as a data source; (4) negligence of ethical standards regarding others in self-narratives; and (5) inappropriate application of the label “Autoethnography”.<sup>10</sup>

A “nova etnografia” valoriza a história de vida do indivíduo colocando-a num contexto sociocultural antropológico dentro da sociedade, sendo parte dela, tão responsável quanto o todo.

## 5.2 Autoetnografia: narcisista e etnocêntrica?

“Autoethnography is dangerous”.<sup>11</sup> (ELLIS, 2009, p. 230).

Para alguns cientistas a autoetnografia é muitas vezes vista de maneira superficial, tornando-a cética. A narrativa reflexiva para eles pode ser um caminho para perder de vista todo o processo metodológico que uma pesquisa precisa ter com rigor científico. Para estes sociólogos ela poderia estar propondo caminhos pedregosos sem fundamentos metodológicos não chegando a nenhuma resolução.

As histórias descritas nas autoetnografias estão mexendo com o universo da sociologia, seja causando incômodo ou despertando a atenção de simpatizantes curiosos.

Na academia ainda existe um campo restrito apesar da autoetnografia estar galgando o seu espaço, parece um processo lento e que é conquistado a pari-passo. A maior crítica que se coloca a essa ‘nova etnografia’ é a de que ela não passa de um relato pessoal sem base de arquivos fundamentados e comprobatórios, tornando o trabalho extremamente subjetivo (e isto é para alguns um fator limitador num processo de pesquisa), não

---

<sup>10</sup>Embora a autoetnografia tenha muitos benefícios, ela também pode se tornar um método de pesquisa com pequenos impactos sociais se várias armadilhas não forem cuidadosamente evitadas. Elas incluem (1) foco excessivo em si mesmo e isolamento dos outros; (2) ênfase exagerada na narração em vez de na análise e interpretação cultural; (3) o uso exclusivo da memória pessoal recordada como uma fonte de dados; (4) negligência das normas éticas sobre os outros em auto-narrativas; e aplicação inadequada do selo “autoetnografia.”

<sup>11</sup>Autoetnografia é perigosa.

apresentando resoluções científicas. Para muitos a pesquisa estaria completamente comprometida pelo fator da subjetividade do pesquisador e da forma como este desenvolve o seu projeto.

Pelo seu caráter introspectivo a autoetnografia é criticada como narcisista ou ainda etnocêntrica, uma vez que o autor volta todo o processo da pesquisa para sua própria história de vida, cultura e realidade. Toda a pesquisa é feita dentro da realidade do pesquisador, sem o olhar da tradicional etnografia do etnógrafo que olha “de fora”, ou ainda que mesmo que se envolva (no desenvolver da etnografia moderna), pesquisa o “outro”. Na autoetnografia ao contrário do que muitos não enxergam, o ‘outro’ aparece no ‘eu’.

Uma das maiores dificuldades que o autoetnógrafo irá encontrar em sua pesquisa não será necessariamente as críticas que a nova etnografia sofre, mas certamente os caminhos de sua própria escrita. Ele constrói uma pesquisa do ‘eu’ que é necessário antes de tudo o ‘confronto’ consigo mesmo para que, a partir daí nasça a sua história e esta possa virar pesquisa científica.

Often you confront things about yourself that are less than flattering. Believe me, honest autoethnographic exploration generates a lot of fears and self-doubts – and emotional pain. Just when you think you can’t stand the pain anymore – that’s when the real work begins. Then there’s the vulnerability of revealing your self, not being able to take back what you’ve written or having any control over how readers interpret your story. It’s hard not to feel that critics are judging your life as well as your work. (ELLIS, 2009, p. 231).<sup>12</sup>

O desafio estará na capacidade, como afirma Ellis, de – por meio – da vulnerabilidade revelar o seu ‘eu’. E tornar este ‘eu’ uma representação mais profunda de uma cultura. Não permanecendo as experiências do pesquisador uma série de relatos que apenas giram em torno do ‘eu’, mas que seja por meio do ‘eu’ o transpassar uma realidade sociocultural.

Para Ellis (2009) ela vê as críticas sobre a autoetnografia de três formas:

1. “Autoetnografia não é suficientemente realista e tenta ser estética literária” – A crítica da Ciência Social é de que os dados de uma pesquisa autoetnográfica são suspeitos, não são reais. Assim, os trabalhos são descritos como teóricos e amarrados de maneira insuficiente a outros resultados, tendo um caráter literário, estético, emocional e terapêutico.

---

<sup>12</sup>Frequentemente você confronta coisas sobre você mesmo que são menos do que lisonjeiro (não tão valorosas). Acredite-me, a exploração autoetnográfica honesta gera uma porção de medos e autoquestionamentos – e dor emocional. Então, quando você pensa que não pode mais suportar a dor – é quando o verdadeiro trabalho começa. Depois, há a vulnerabilidade de revelar a si mesmo, sem ser capaz de voltar atrás em tudo o que você escreveu ou ter qualquer controle de como os leitores interpretam sua história. É difícil não sentir que críticos estão julgando sua vida tão bem quanto o seu trabalho.

Aos pesquisadores que desenvolvem pesquisas autoetnográficas fica o estigma de ‘não fazer ciência social legítima’, uma vez que a reflexividade adotada como método da pesquisa já está na pesquisa do realista.

2. “A autoetnografia é demasiado realista” – ao contrário das ciências sociais o pós-estruturalismo acredita que a autoetnografia é realista demais. Os pós estruturalistas vêm a escrita pessoal de uma maneira ingênua quando o pesquisador quer revelar os seus segredos. E diferente da Ciência Social eles não querem mais dados e que estes sejam melhores, querem que os escritores acoplem mais textos que quebrem a linearidade das histórias pessoais e tornem elas mais úteis.

3. “A autoetnografia não é suficientemente estética” – Críticos da estética literária constantemente humilham a qualidade da escrita autoetnográfica. Para eles os autoetnógrafos não são escritores suficientemente bons.

As críticas que chegam ao exercício da autoetnografia como método tem sido significativas, mas também o contrário acontece, cada vez mais antropólogos e pesquisadores desenvolvem projetos pela vertente da nova etnografia propondo às ciências novas possibilidades de se fazer pesquisa e de ampliar o nosso ponto de vista do que é o fazer científico. Hoje o pesquisador não pensa mais em linguagens exclusivas e separadas, pensa na integralidade das linguagens e das múltiplas possibilidades que o universo científico possa oferecer.

Ainda Ellis afirma que não está incomodada com as críticas feitas a autoetnografia, e que para ela, críticas que vem de fora do universo autoetnográfico significam que estão chamando a atenção de outras áreas das ciências e que estes podem falar contra ou tentam ajudar a responder questões. Para ela isto só traz a esperança de que essas críticas são um sinal de maturação e que estamos prontos para ampliar nossos horizontes.

Ela afirma: “Given the number, variety, and contradictory nature of some of the critiques, I have a sense that we must be doing something right and that we should continue doing what we are doing.” (ELLIS, 2009, p. 233).<sup>13</sup>

Ainda que os críticos não compreendam ou não aceitem a proposta metodológica dos projetos científicos autoetnográficos, acredito como os autores aqui pesquisados que devo seguir em frente com esses trabalhos e ir conquistando pedaço por pedaço do que *já é* uma forma de pesquisa. Não do que virá a ser, mas do que já está conquistado e escrito. Sem dúvida é um processo em construção, mas não por isto deixa de ser pesquisa.

---

<sup>13</sup>Dado o número, variedade, e a natureza contraditória de alguma das críticas, eu tenho a consciência de que nós devemos estar fazendo alguma coisa certa e que devemos continuar fazendo o que estamos fazendo.

### 5.3 O 'EU' e a família

As relações interpessoais são a base para formação da identidade do indivíduo, é nelas que está toda a construção de cada membro familiar, ainda que todos venham (no caso de uma família) do mesmo meio, nem todos serão iguais. Os universos que permeiam a vida social do sujeito fará com que ele molde sua estrutura de personalidade. É na família, no bairro, na casa do vizinho, na escola que é natural encontrar a vida sociocultural, e é especificamente aquilo a que escolho como família que terá em mim uma forte influência para aquilo que serei um dia. É a partir das experiências que cada um de nós vivencia em sociedade que iremos buscar a nossa identidade: um 'eu' num 'outro' (seja esse outro um sujeito, um mundo, uma natureza, uma família, uma sociedade). Becker (2009, p. 17) ao refletir sobre a relação do homem com a sociedade e sua identidade diz que, “Sabendo essas coisas, podemos organizar nosso próprio comportamento, aprender o que queremos, como obtê-lo, quanto custará, que oportunidades de ação várias situações nos oferecem.”

Manoel de Barros (2008) em sua trilogia “Memórias Inventadas” mostra o tempo todo a construção de sua identidade por meio dos lugares que cresceu e quais relações de cumplicidade ele estabeleceu com o mundo para a sua formação e, ao que me parece, uma das confissões que mais me chamou atenção além de suas peripécias no bairro, em casa ou ainda com a vizinhança, foi, como ele mesmo diz, “a comunhão com as coisas”

Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas. [...] Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores. (BARROS, 2006, p. 3).

A família é uma das instituições sociais mais próximas do indivíduo (na maioria das vezes). É na comunhão com o espaço familiar que se estabelece o vínculo com os familiares e a relação de harmonia com o ambiente. Na construção dessas afetividades estará uma parte da identidade do ser.

O envolvimento do autoetnógrafo é uma discussão latente neste trabalho e seu comportamento em campo. Duarte e Gomes (2008) sugerem não esquecer o sentido literal da palavra “familiar”, que é aquilo que está socialmente próximo de nós, e que ao pesquisar a própria família, o etnógrafo está tratando de “familiar” no sentido de adentrar naquilo que já é

próximo, a nossa família. Assim afirmam “A ‘familiaridade’ está sempre aí presente e é trazida à reflexão do pesquisador e à percepção do leitor, mas não enquanto ‘familiaridade’.” (DUARTE; GOMES, 2008, p. 43).

O indivíduo estabelece sua primeira vivência com outrem no meio familiar, lembrando que o conceito de família será sustentado como o ambiente em que o indivíduo nasce e será criado. Essa construção social da pessoa inicia-se da experiência de contato com os seus familiares e é a partir das relações ali estabelecidas e de suas referências que este será constituído.

Num plano mais amplo da sociedade o homem sai do seio familiar e descobre os valores estipulados socialmente que estão afora sua realidade familiar, construindo sua personalidade pelas relações vividas com os grupos sociais. A família agora é colocada sob um novo prisma, as necessidades de estabelecer novas relações com outros grupos que estejam num universo mais largo que não seja apenas o meio familiar que faz com que o indivíduo construa sua identidade cultural não só a partir da relação familiar, mas da sua interconectividade com o mundo e ele estará em constante processo de transformação à medida que cada nova cultura se apresente a ele, pois toda sociedade obtém subgrupos culturais permitindo que a soma das partes seja uma representação de um todo em constante processo de mudança. É inevitável que o homem seja renovado diariamente pelas experiências cotidianas. Assim os traços que irão definir a sua identidade serão sempre um acréscimo das constantes experiências vividas por ele.

A relação com aqueles que estão próximos num laço de conexão afetiva pode determinar parte do comportamento pelo compartilhar de valores sociais. Mas é uma necessidade do homem a sua individualidade, sua maneira autêntica de pensar e ser no mundo. E a isto não poderemos descartar que cada um é único. Para a formação desta identidade é preciso que cada membro social passe pelo processo de auto-afirmação, tendo uma postura firme, assumindo o espaço que lhe cabe na sociedade. Esta parte, este seu espaço visto de uma visão ampla permitirá que tenhamos uma definição do coletivo que é formado por cada indivíduo. E só assim, só por meio de nossa postura autônoma é que podemos contribuir para fortificar a identidade cultural de uma família e de uma nação.

É na reciprocidade de sentimentos e na comunhão de uma verdade que os homens descobrem-se uns nos outros, e quando digo aqui ‘verdade’ não me refiro a uma verdade absoluta, mas à um momento vivido. Para o ser não há vida, se não houver o outro. O ‘eu’ necessita da experiência de projeção em outrem para admitir a sua existência. A família, sem dúvida, é o primeiro laço, com forte influência sobre a formação do que virá a ser o membro

que dali sairá para compor a comunidade, mas o mundo torna-se ‘familiar’ ao homem interferindo em seu comportamento. O espelhamento do mundo no sujeito é reflexo deste no mundo. A realidade de troca é resultado da reciprocidade. Santo Agostinho (2007, p. 30) ao retratar a cumplicidade entre Deus e o homem mostra a ardente necessidade do homem de reconhecer e afirmar a sua existência: “Eu nada seria, meu Deus, nada seria em absoluto se não estivesses em mim; talvez, seria melhor dizer que eu não existiria de modo algum se não estivesse em ti, de quem, por quem e em quem existem todas as coisas.”

O homem é gerado e nasce em comunhão.

#### **5.4 O ‘EU’ e o ‘OUTRO’: o desafio de uma antropologia familiar**

Família, lugar de segredo, reduto daquilo em que a sociedade não interfere ou que não se revela. Lugar privado/sagrado, por isso tabu por excelência na sociedade moderna. Observar de dentro e expor o que deveria estar circunscrito a uma redoma de névoa, que permite a visão externa mas não revela suas nuances, seria uma subversão total do método antropológico, que pressupõe, em alguma medida, a capacidade de designar um “outro”, estranhá-lo, fazê-lo próximo e, em seguida, objetiva-lo de forma que possa ser “de fato” conhecido. (DUARTE; GOMES, 2008, p. 43).

Escolher a família como pesquisa é admitir a relevância do ambiente familiar como parte fundamental em sua natureza. Ao mesmo tempo me parece um desafio adentrar como pesquisadora o ambiente familiar. Duarte (2008) lembra as críticas oriundas da academia de que seria este universo para uma pesquisadora um universo contaminado e impreciso.

A afetividade envolvida neste processo de pesquisa ‘etnográfica familiar’ estaria comprometendo as análises dos dados, as observações e as relações envolvidas. Mas estariam os meus familiares tão distantes do meu projeto de pesquisa? Talvez eles estejam lá, em cada um deles (indiretamente). Se a formação do indivíduo é estabelecida no universo da família, então esta mesma família que interfere em seus valores, inspira seus temas. Todo projeto de pesquisa traz em si a realidade do pesquisador.

Na antropologia tratamos sempre de um outro e buscamos adentrar na realidade deste outro, compreendê-la, familiarizarmo-nos para só assim escrever sobre ela. O vínculo afetivo torna-se necessário, estabelece-se primeiro uma relação de confiança, ser antes de tudo humano. Aqui a afetividade é convidada a fazer parte do fazer etnografia. Mas propor adentrar na Familiaridade do pesquisador, é questionado se esta mesma afetividade não põe em risco toda a produção científica.

Toda família tem seus segredos, como fora citado no início deste capítulo, todas trazem consigo belezas, traumas e delicadezas. É sem dúvida nenhuma o meu maior desafio propor trazer à superfície a realidade desta família que construiu sua imagem pelas fotografias contidas no álbum de família. Analisar a construção desta história visual e fotografar o hoje construindo a memória da minha família perpassando toda a sua história passada, e pensar como esta influi no meu presente, é trazer à tona a reflexão de como tantas famílias constroem a Imagem que querem de seus lares. A fotografia doméstica é uma necessidade social que cada indivíduo tem de contar e deixar registrada a sua história. Teria acontecido na família um casamento que não foi fotografado, que não teve fotografias? Ele foi real? Para a sociedade para que os eventos realmente aconteçam é preciso que ter memória documental sobre eles. Mas os familiares estão preparados para serem objetos de escolha num estudo etnográfico? Revelar aquilo que a fotografia não foi capaz de revelar pode trazer incômodo. Ou ainda analisar imagens que representam a família interferem até que ponto na construção das novas imagens? Permanece a mesma Imagem construída? Continuasse a criar fotografias com a mesma representação?

O que é segredo e sagrado pode por ventura mudar toda a representação familiar se de fato o pesquisador decidir que, ao olhar como etnógrafo para a sua família, deverá admitir que nela existem nuances, além das alegrias, que não estão expostas nas fotografias. Como se dá o fazer fotográfico familiar? Por que todos querem construir imagens de famílias perfeitas quando sabemos que elas não existem? Admitir a imperfeição em nenhum momento seria ausência de felicidade ou harmonia familiar. Do que temos tanto medo? O que não pode ser fotografado? A felicidade é uma necessidade que precisa constantemente ser colocada como um fator unicamente dominante, excluindo outras afetividades que constroem as famílias em suas memórias fotográficas.

Propor pensar na construção do álbum de família como uma representação social, e que na construção deste é ter sempre a interferência do passado no hoje, do agora no ontem e do futuro presente, é adentrar o universo familiar e mostrar como são produzidas as imagens familiares na sociedade.

Os álbuns ao mesmo tempo que mostram a realidade da família são de certa forma uma maneira de proteger a intimidade do lar. Por vezes os próprios membros familiares criam uma memória do tempo passado afetados por suas fantasias, assim as imagens são uma realidade e ao mesmo tempo uma fantasia.

A responsabilidade do etnógrafo está na capacidade de fazer seu projeto de pesquisa mesmo estando afetivamente envolvido com os membros da família. Aqui o

pesquisador já tem um diferencial que pode ser uma faca de dois gumes se não for bem elaborado: ele já está inserido numa relação de cumplicidade com os sujeitos pesquisados. O vínculo já está estabelecido, ele já adentrou o campo da pesquisa e de certa forma já tem a confiança estabelecida. Então onde estariam os limites que delineiam uma pesquisa antropológica?

O desafio antropológico de trabalhar com a própria família extrapola os limites de trabalho de campo realizado, por exemplo, na cidade, como na antropologia urbana. Pesquisar o “próximo” ou de “dentro”, como sugere Magnani (MAGNANI, 2002 *apud* DUARTE, 2008), é algo que em termos cognitivos, afetivos e espaciais se insere nos limites do que se chama “familiar” em seu sentido genérico. O limite se rompe quando a abordagem parte da análise da própria família.

Falar da família exige do pesquisador uma maestria e ao mesmo tempo um compromisso de verdade com os fatos. O método aplicado no desenvolvimento do trabalho científico aqui proposto não poderia ser melhor se não o autoetnográfico, e apesar de trazer consigo tantas críticas, penso que traz consigo também a característica ímpar da etnografia de observar e compreender culturas. Se tantos outros fizeram e continuam fazendo isto, é porque existe um caminho da ciência antropológica que já foi e está sendo trilhado e que me permite segui-lo em busca de realizar esta pesquisa. Os desafios que são mencionados na produção de uma pesquisa autoetnográfica não deixa de trazer o que trazem também outras pesquisas – os mesmos desafios encontrados em outros universos científicos. Toda pesquisa propõe um desafio ao cientista, todas exigem dele dedicação, sabedoria, discernimento, comprometimento, etc. Bordieu (2005) *apud* Duarte e Gomes (2008, p. 48) fala que existe um “Processo que é considerado possivelmente mais denso de deslizamentos entre as dimensões cognitiva e afetiva.”

“No caso do debruçar-se reflexivamente sobre a experiência pessoal no interior da própria rede familiar emergem, porém, de maneira mais intensa – ou mais imediata – as dimensões afetivas, entranhadas, em que se banha toda intersubjetividade.” (DUARTE; GOMES, 2008, p. 48).

Os autores sempre alertam sobre a afetividade intrínseca neste tipo de metodologia, propondo aos pesquisadores que estejam atentos e que sejam cuidadosos ao desenvolverem pesquisas “familiares” uma vez que etnografias sobre família é uma realidade complexa e delicada em que muitas vezes estará o pesquisador omitindo fatos da intimidade familiar que não puderam ser divulgados.



É importante ressaltar que essas reservas não ocorreram para proteger a dignidade das famílias dos pesquisadores, mas para manter o respeito a determinados personagens vivos ou mortos, cuja atitude original em relação a tais fatos (ou a de seus descendentes) é (ou foi) a de encobrimento, em qualquer uma das famílias. (DUARTE; GOMES, 2008, p. 50).

Omitir informações por valores respeitosos mas não deixar dados importantes de fora que possam vir a ser decisivos no processo etnográfico. Cabe ao pesquisador saber selecionar e pesar os dados e seus valores de importância. Certamente fica a critério do antropólogo a escolha de ‘como’ desenvolver o seu projeto, mas lembro aqui os dois pensamentos que foram outrora citados o de Carolyn Ellis, de que um trabalho autoetnográfico envolve dor emocional; e o de Duarte e Gomes, de que família é um reduto sagrado e um lugar de segredos.

## 6 A IMAGEM LINGUAGEM

### 6.1 A imagem fotográfica

A fotografia tem encontrado em seu caminho um dos seus maiores desafios: ser considerada uma forma de escrita e conquistar um lugar no rol das ciências sociais, de maneira a ser reconhecida como uma importante linguagem na construção do conhecimento.

A imagem hoje não constitui apenas uma mera ferramenta de pesquisa ou ainda um auxílio para expressar o conhecimento, mas ela pode ser considerada, em si mesma, uma fala. Desta maneira, explorar a imagem como escrita dotada de força narrativa é um dos objetivos em discussão, nesse trabalho.

O uso da imagem nas ciências sociais não é novo, principalmente na antropologia. Mas existe nos últimos anos uma necessidade de tirar a fotografia do seu lugar de complementaridade ilustrativa ou ainda documental (apenas como um certificado de presença) e dar-lhe um espaço autêntico tornando-se Objeto de Estudo, por se acreditar no poder narrativo da fotografia. O homem é se não um vasto leque de possibilidades e linguagens em seu Ser multifacetado.

A importância que a imagem tem ocupado nas sociedades em desenvolvimento vêm cada vez mais galgando um espaço sociocultural em que torna-se ela em si mesma a própria presença na vida dos indivíduos e de seus respectivos grupos sociais assumindo diferentes significados em várias culturas. Seria possível hoje viver sem elas? A que quantidade de imagens que estou exposta por dia? Ou ainda a que sem número de imagens produzimos todo dia? Quantas delas são mentais e quantas são palpáveis. Essas são questões presentes quando se pensa imagem, e, embora não sejam centrais nesse trabalho, suscitam reflexões importantes para o mesmo.

A fotografia desempenha hoje uma função muito mais do que prova irrefutável da verdade, já não há tanta ingenuidade a ponto de acreditar que elas não mentem. Sou descrente a respeito daquilo que me é apresentado, mas não posso viver sem elas. A visualidade já tornou-se parte mesmo do meu Ser, tornou-se minha identidade, sou aquilo a que represento, ainda que, por vezes, não tenhamos consciência plena desse fato.

Parece-me que o conhecimento construído através da imagem, ainda é algo novo, visto que não dominamos sua linguagem apesar de falarmos por ela cotidianamente. A presença da imagem em minha vida é tão forte quanto desejo, não posso relegar a imagem ou ainda a fotografia um lugar qualquer. Não domino por completo e isto nunca irá acontecer,

mas posso sim, como qualquer bom pesquisador, cientista e artista experimentar o uso da imagem. Abrir mão da iconoclastia e propor um universo mais largo diante dos acontecimentos contemporâneos em que a imagem assume sua identidade e capacidade construtiva social e científica.

Na mais acomodada prática estamos fadados ao fracasso de querer usar somente palavras para pensar quando devo permitir um raciocínio amplo do que a imagem e a sua carga simbólica possa carregar, ainda que venha dotada de subjetividade. E quanto a esta, não posso querer excluí-la do processo de formação do conhecimento, pois a subjetividade está implicada no homem assim como sua própria existência. Seria equívoco ignorar a essência do pesquisador na construção de sua filosofia e pensamento. O saber científico se constrói pela inteireza do homem e toda a sua carga existencial. A imagem não deixa de ser instrumento científico pela característica de suas potencialidades subjetivas. A imagem como linguagem é imprescindível para enfrentar os desafios encontrados nas ciências sociais.

Vemos hoje, que o estudo da imagem é fundamental para o entendimento dos múltiplos pontos de vista que os homens constroem a respeito de si mesmos e dos outros, de seus comportamentos, seus pensamentos, seus sentimentos e suas emoções em diferentes experiências de tempo e espaço.

A questão da subjetividade torna necessário analisar a linguagem icônica não só no plano histórico e sociológico, mas também no plano semiológico, no que se refere às dimensões cognitivas da imagem. Em outras palavras, precisamos dominar melhor a problemática visual do símbolo e sua linguagem para alcançar uma compreensão mais adequada do lugar da imagem na consciência humana e na cultura e das funções dos ícones na vida social. (PORTO ALEGRE, 1998 *apud* FELDMAN-BIANCO, 1998, p. 76-77).

A realidade para a fotografia é senão uma reconstrução do presente, é tornar vivo aquilo que já está presente ou ainda aquilo a que não foi visto. A imagem e sua capacidade subjetiva deixa a pretensão de querer ser verdadeira, um retrato fiel da realidade, mas não somos. Não pode ser, o homem é apenas um criador, um construtor da realidade por meio de suas objetividades e de suas perspectivas.

No campo da antropologia fica delicado falar de uma realidade sem acolher e admitir que a interpretação das culturas, seja por meio de uma estrutura narrativa visual, perpassa a criatividade do cientista e a sua capacidade de compreensão da imagem na vida social. Admitir que entre a imagem e a realidade existe uma outra realidade a qual não é dominada, mas nem por isto a iconografia deixa de ser objeto de pesquisa e desempenha sua função social na vida científica.

A fotografia em sua apreensão do real pode através de seus infinitos percursos cognitivos reconstruir uma realidade que perpassa os olhos de quem vê e constrói a imagem.

A questão que muitas vezes é discutida é: Se a fotografia é carregada de subjetividades como pode ela servir como ferramenta científica? Mas devo admitir que esta não é uma peculiaridade que cabe somente ao texto visual, mas também ao texto escrito, oral, entre outros. Não posso me eximir de minha carga cultural, mas também não faço pesquisa sem a minha identidade.

Assim como para Barthes podemos falar de uma cultura perceptível, podemos reconhecer as intenções do fotógrafo que está na imagem representando o real, ou ainda o recriando. E podemos perceber aquilo que traspassa, fere e punge o espectador. O impacto fotográfico ocorre quando aquilo que estava oculto, e do qual o próprio sujeito não estava consciente, é revelado, exposto numa fotografia. “Assim é a Foto: não pode dizer o que ela dá a ver.” (BARTHES, 1984, p. 149).

Ao estudar *Signos em rotação* (1967), propôs o abandono de uma representação unilinear da realidade pelo movimento e pelos planos de semelhança, sugerindo que “a ambiguidade da imagem não é diversa da ambiguidade da realidade, pois a imagem não explica. Convida a recriá-la e a revivê-la. (FELDMAN-BIANCO; MOREIRA LEITE, 1998, p. 41, grifo do autor).

O campo da pesquisa acadêmica oferece desafios metodológicos no qual implica o enfrentamento das diversidades filosóficas. Escolher uma metodologia visual para conduzir uma investigação etnográfica permite experimentar e tentar produzir conhecimento pensando a imagem como produção científica.

A fotografia como narrativa pode transformar a visão de uma ciência que se diz aberta a novas experiências e possibilidades. Não haveria por parte do universo acadêmico uma relutância em admitir que a imagem deixa de ser mero suporte e passa a ser em si mesma objeto de estudo? A fotografia em sua linguagem peculiar diz muito a respeito das sociedades, dos homens, seus costumes, suas crenças e valores culturais.

A fantasia do real expresso em imagem faz com que seja lembrado o tempo todo que esta é polissêmica e, acima de tudo, eternamente mutável aos olhos de quem a vê, podendo transformar-se a cada vez que é lida, tendo, se possível imaginar, cada vez um novo significado. Mas haveria nos processos investigativos de pesquisa uma realidade que estivesse predestinada a ter uma única interpretação? Acredito que como tudo na vida se transforma constantemente, o conhecimento também muda. A compreensão que há de imagem perpassa pelas minhas concepções, sentidos e pelo ambiente em que estou inserido, ou ainda em que aquela imagem se insere. Seria portanto flexível a compreensão de uma imagem uma vez que é um dever antes de tudo questionar o que é o “ver” para aquele que olha.

Os objetos que passam pelos olhos são táteis, tem cheiro e podemos ainda ter o gosto de suas cores, de suas texturas. Pensar imagem seria antes mesmo tê-las consigo na memória, na imaginação ou ainda na fantasia. A imagem está para além do ver, penso se, antes de tudo poderíamos nos questionar a respeito do “ter” ou para olhar e ver uma imagem é preciso perder-se. O ato de olhar estaria no ato da entrega, no ato de deixar-se capturar pelo objeto visível.

E toda vez que volto os meus olhos para aquela imagem sou apreendida pela sua sedução visível daquilo que me toca, que mexe com os meus sentidos, me faz ver o que é visível e o que não é.

O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois. [...] Fechemos os olhos para ver [...] Devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver nos remete, nos abre a um vazio que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 29).

Ver é uma experiência física, é preciso permitir que a imagem adentre o corpo e reverbere em todos os sentidos, cause pulsão, seja viva, seja *Imagem*. A imagem pede aos que olham, entrega. Ela exige uma troca, uma experiência mútua. Não existe imagem se não parar para olhar verdadeiramente para ela. Olhar aqui é sentir, é estar à superfície e permitir ser tátil, ser tocado por ela.

La imagen arde. Arde con lo real al que, en un momento dado, se ha acercado (como se dice, en los juegos de adivinanzas, “caliente” cuando “uno se acerca al objeto escondido”). Arde por el deseo que la anima, por la intencionalidad que la estructura, por la enunciación, incluso la urgencia que manifiesta (como se dice “ardo de amor por vos” o “me consume la impaciencia”). Arde por la destrucción, por el incendio que casi la pulveriza, del que ha escapado y cuyo archivo y posible imaginación es, por consiguiente, capaz de ofrecer hoy. Arde por el resplandor, es decir por la posibilidad visual abierta por su misma consumación: verdad valiosa pero pasajera, puesto que está destinada a apagarse (como una vela que nos ilumina pero que al arder se destruye a sí misma). Arde por su intempestivo movimiento, incapaz como es de detenerse en el camino (como se dice “quemar etapas”), capaz como es de bifurcar siempre, de irse bruscamente a otra parte (como se dice “quemar la cortesía”; despedirse a la francesa). Arde por su audacia, cuando hace que todo retroceso, que toda retirada sean imposibles (como se dice “quemar las naves”).<sup>14</sup> Arde por el dolor del que proviene y que procura a todo aquel que se toma

<sup>14</sup>A imagem queima. Queima como o real ao que, em um dado momento, se aproxima (como se diz, nos jogos de adivinhações, “quente” quando “se aproxima do objeto escondido”). Queima pelo desejo que o anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela anunciação, incluso a urgência que manifiesta (como se diz “queima de amor por vós” ou “consume minha paciência”). Queima pela destruição, pelo incêndio que quase pulveriza, do que escapou e cujo arquivo e possível imaginação é, por conseguinte, capaz de ofertar o hoje. Queima pelo esplendor, é dizer pela possibilidade visual aberta pela sua mesma consumação: verdade valiosa, mas passageira, posto que está destinado a se apagar (como uma vela que nos sombreia mas que ao queimar se destroi a si mesma). Queima pelo seu movimento intempestivo, incapaz de deter-se no caminho (como se diz “pular etapas”), capaz de bifurcar sempre, se ir bruscamente a outro lugar (como se diz “despedir-se a

tiempo para que le importe. Finalmente, la imagen arde por la memoria, es decir que todavía arde, cuando ya no es más que ceniza: una forma de decir su esencial vocación por la supervivencia, a pesar de todo. (DIDI-HUBERMAN, 2007, p. 9).

Vejo apenas aquilo a que acredito ver. Olhar seria permitir ampliar a realidade para essa realidade a que a imagem nos convida a adentrar. Assim a imagem nos permite conhecer o visível e o invisível, e nós permitimos que essa imagem nos olhe e nos apreenda. Imagem é antes de tudo imaginar.

## 6.2 A imagem como escrita

O discurso visual enfrenta adversidades no universo da pesquisa acadêmica, embora eu viva numa sociedade da cultura imagética, percebo que muitos não têm consciência que estão dependentes de uma realidade visual, inseridos numa sociedade da imagem em que não mais escolhem o que ver (talvez), as fotografias extrapolam a capacidade de acolher imagens cotidianamente e a sociedade é constantemente embriagada por um excesso de uma presença visual maciça na contemporaneidade. Assim transbordar é a consequência.

E apesar de estarmos inseridos neste contexto encontramos a falsa idéia de que não temos um discurso visual, de que a imagem não é uma forma de escrita. Por não termos vivido dentro dos sistemas de educação uma linguagem imagética, não conseguimos acolher a imagem forma de oralidade e escrita.

As imagens evocam histórias, momentos e realidades socioculturais em que somente a sua singularidade tem o poder de “falar”. Nem tudo que se escreve com texto, que se fala com a fala pode ser representado numa imagem; assim como, nem tudo que se apresenta como imagem pode ser escrito com palavras, pode ser dito com a fala. A imagem assume uma linguagem própria carregada de sentidos na sua capacidade de interpretação do universo existente, ou ainda na sua capacidade de interpretação de fantasias, imaginação ou ainda fatos verídicos. O fato é que a comunicação visual tem a sua autêntica escrita. É necessário, mais do que nunca, considerar a importância de uma escritura imagética como objeto de pesquisa, pois posso pensar com imagens, posso fazer uma reflexão da construção do saber através dela.

---

francesa). Queima por sua audácia, quando faz retroceder, que toda retirada seja impossível (como se diz “queimar a neve”). Queima pela dor do que provem e que procura todo aquele que se toma tempo para que lhe importe. Finalmente, a imagem queima pela memória, é dizer que ainda queima, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer seu vocação essencial pela supervivência. Apesar de tudo.

Nesta pesquisa o uso da câmera fotográfica como aparato torna-se necessária no processo de construção da identidade, uma vez que as fotografias são autênticas no contar histórias, na coleta informativa e na apreensão de fragmentos de realidade. O meu estudo propõe aprender mais sobre uma nova metodologia utilizando a autoetnografia visual por meio de fotografias familiares. Eu tenho considerado imagens como dados, como coleta de informações para pesquisa e como meio de análise nos processos metodológicos de um pesquisador, acreditando que ela possa assumir um caráter de pesquisa qualitativa.

A antropologia visual traz consigo uma rica investigação a cerca de culturas estudadas como objeto de pesquisa, permitindo no decorrer dos anos experiências que transcendem a escrita fotográfica ou mesmo videográfica. Assim considero que a fotografia não é apenas um relato aleatório de registros documentais, mas sim dona de uma narrativa autêntica que traz consigo informações, dados, análises e caráter investigativo. Para antropologia visual as imagens são propostas como texto narrativo, são textos antropológicos escritos com fotografias numa forma de dados que foram obtidos na pesquisa de campo.

A antropologia visa antes de tudo uma intercomunicação entre culturas e a fotografia possibilita que o antropólogo cumpra esta função de dialogar entre universos paralelos ou que se cruzam. O fazer etnográfico enriquece a reflexão sobre essa relação da pesquisa e a produção do saber, a construção informativa sobre o universo estudado. Para Gallois, é preciso que se discuta não só os métodos de pesquisas, coleta de dados, análises, mas também a participação do pesquisador e como esses “agentes visuais” estão atuando como meio de difusão de conhecimento produzido em razão da comunicação.

Acredito que foi alcançada a ideia de uma antropologia que dialoga entre culturas, mas se for permitido a possibilidade de uma “autoetnografia”, posso acreditar num diálogo que pensa as diferenças ou a intercomunicação do pesquisador dentro de seu próprio universo, possibilitando uma construção diferenciada de conhecimento, ampliando a atuação da antropologia no campo científico.

Podemos refletir sobre o caráter da antropologia no que denomino de antropologia visual, ou ainda fotoetnografia. A fotografia é uma forte ferramenta metodológica para o fazer etnográfico num discurso narrativo.

Se sou constantemente questionada a respeito de sua complexidade e subjetividade encontradas na fotografia como método de pesquisa etnográfica, me permito enfrentar as divergências de opiniões no que se refere ao uso de uma “fotografia etnográfica” defendendo a capacidade narrativa única da imagem como instrumento de investigação intercultural. Mas sei que a fotografia oscila sempre, de acordo com o pensamento de

Benjamin, entre aquilo que lhe escapa e isto que nela se infiltra. E ainda sim carrega consigo o seu poder interpretativo. Os antropólogos vêem aquilo que querem ver, esta é uma realidade a que está fadado todo pesquisador, o seu olhar.

A sociedade não está alfabetizada visualmente e talvez seja aí que habita o problema de aceitar o uso da imagem como possibilidade interpretativa e escritural. Mas não devo pela omissão na educação relegar a imagem um lugar menor no campo das ciências sociais.

Os agentes visuais e pesquisadores têm a obrigação de refletir, experimentar, propor novas metodologias e narrativas no campo acadêmico. Devem fazer pensar através das imagens, descrever dados por meio da representação imagética da realidade que permeia o universo sociocultural que habita o homem.

Texto e imagem podem narrar cada um em sua potencialidade e unicidade. Não defendo o uso de imagens de maneira independente, mas acredito na autenticidade da imagem como forma narrativa. Vejo que numa pesquisa antropológica, por exemplo, temos aspectos que somente a linguagem visual pode deflagrar, assim como aspectos textuais que somente palavras escritas podem evocar. Não proponho em nenhum momento dentro desta pesquisa que a imagem se sobreponha ao texto ou vice versa, mas defendo o uso da imagem de maneira singular na capacidade de interpretar culturas a qual a antropologia se propõe.

A fotografia começa a encontrar o seu lugar como um meio de interpretação, preenchendo um espaço em branco na área das ciências humanas e, mais especialmente, no âmbito da antropologia. É chegada a hora da conquista e da legitimação de um espaço para que a fotografia possa ser aceita como mais um meio de produção de idéias, produção de sentido, para contar o cotidiano do Homem e a vida no mundo contemporâneo. Conquista que não se faz sem enfrentar a resistência dos defensores da ordem científica, aqueles que acreditam somente na palavra escrita. (ACHUTTI, 2004, p. 72).

Acredito que a discussão sobre a literatura versus fotografia, de que uma pode ser mais representativa do que a outra, já está ultrapassada. Permita-me, apesar de ter que constantemente afirmar a imagem como uma escrita, admitir que a imagem assim como a palavra escrita sofre de lacunas como qualquer outra forma de diálogo, mas não por esta razão devemos deixar de escrever com ela. A fotografia é uma ferramenta poderosa ao ser utilizada como linguagem visual pela antropologia, ou ainda por outras ciências.

José de Sousa Martins (2009) afirma que a imagem expôs as falhas da palavra como documento da consciência social, mas que ao mostrar uma apontou também as falhas da outra. E nessa observação afirma que as duas são autônomas e que como qualquer meio de comunicação são dotadas de vantagens e desvantagens.



A imagem vem numa luta cansativa de buscar se impor como uma forma de diálogo e pensamento. Até quando demorar para admitir que ela possui vida própria?

### **6.3 A representação social do indivíduo através da fotografia**

Observar a maneira como as pessoas se misturam e se agrupam é fundamental para se compreender a estrutura social dinâmica. Psicológica e socialmente, as fotografias fornecem um diagrama das relações espaciais das aglomerações. [...] Cada cultura tem determinados modos estabelecidos de lidar com o espaço. (COLLIER JR., 1973, p. 56).

Os espaços podem nos mostrar como as pessoas se comunicam dentro de suas culturas, seus costumes e filosofias de vida. Os hábitos desenvolvidos dentro de uma comunidade podem ser compreendidos quando se adentra na vida cotidiana do local estabelecendo uma relação de intimidade. A construção social do homem se dá através, antes de tudo, da relação que existe entre ele e o universo que habita, numa interrelação entre os dois mundos, o do indivíduo e o do mundo exterior, em que cada um influencia diretamente no outro.

Os estudos fotográficos podem mostrar esses hábitos a que são referidos em relação ao objeto estudado de uma cultura por um pesquisador. A fotografia tem a característica ímpar de representar a natureza espontânea do homem em habitat natural. Cartier Bresson, o pai do fotojornalismo, defendia “o instante fotográfico” como momento decisivo, em que propunha uma tomada fotográfica no seu gesto instantâneo em que o fotógrafo capturava a essência do momento decisivo de uma fotografia pelo surpreendente clique fotográfico. É claro que na fotografia é importante perceber variadas maneiras do “fazer fotográfico” entre o espontâneo e a foto produzida. Mas aqui é feita uma referência ao instante genuíno da espontaneidade no flagra de uma cena. A etnografia oscila entre as duas possibilidades, a pose e o flagrante. A natureza espontânea da realidade que está inserido o indivíduo é rica em dados para construção da investigação do pesquisador.

Os elementos visuais deflagram os hábitos, valores e comportamentos do homem na sociedade. A observação da cultura dar-se-á, na antropologia visual, com a máquina fotográfica como instrumento de escrita e coleta de dados representados nas imagens.

A vida social do sujeito está representada nas imagens produzidas pelo etnógrafo por meio dos símbolos e ícones encontrados nas fotografias produzidas em campo. Mais uma vez a fotografia cumpre o seu papel de ser etnográfica e desempenha sua função dentro das ciências sociais.

A câmera nos oferece frações de tempo que podem ser avaliadas e acrescentadas ao fluxo rápido do tempo. Diversas interações momentâneas podem ser avaliadas e comparadas, interação de minutos, hora, dias, semanas e mesmo um ano inteiro, podem ser calculadas a partir de observação cronometradas do fluxo de vida numa rua de um povoado. O grande valor de uma câmera é que ela pode fazer um registro repetitivo, cobrindo muitas combinações de intervalos. (COLLIER JR., 1973, p. 52).

A fotografia como instrumento de pesquisa social nos guia a um universo cultural rico, oferecendo a experiência de conhecer por meio de detalhes congelados em instantes a realidade do objeto estudado. Ela representa a interação social do homem por meio de sua linguagem visual, ela flagra, registra, coleta e mostra os dados a que tanto o antropólogo se refere em seus textos descritivos de campo.

A fotografia apresentada pelo pesquisador somente mostra aquele instante exato flagrado, outras informações certamente ficam de fora neste momento do clique, informações que certamente existem não entram dentro de cena. A imagem apenas indica a situação específica daquele instante. A realidade ora registrada pode mudar, aliás, certamente mudará, tudo flui, as águas do rio mudam e nenhuma sociedade é estática. As sociedades evoluem, os hábitos se reconfiguram, mudando a realidade daquela cultura, ainda que traços tradicionais permaneçam sempre numa mesma história sociocultural de uma comunidade. A fotografia capta apenas alguns dados que são utilizados em pesquisa. Mas nem por isto ela se torna menor e perde a sua força e rica contribuição na pesquisa etnográfica. Ela ainda é um forte instrumento na coleta de dados numa demonstração social dos aspectos de vida do indivíduo.

Há ainda que se considerar o uso da fotografia como arquivo e como esta pode ser utilizada como dado comparativo das transformações sociais que passam uma sociedade. Ela, a fotografia, nunca perde o significado se bem utilizada pelo antropólogo. Manter viva a cultura dos povos é sem dúvida, uma característica da imagem fotográfica.

A câmera oferece ao pesquisador a análise da construção de realidades, mostra como uma família se comporta, como os grupos e subgrupos sociais interagem entre si, e como a sociedade se constrói a partir da postura desses grupos e suas realidades.

Para John Coolier Jr. a câmera reúne milhares de elementos concretos a serem interpretados na comunidade pesquisada, ao contrário do olhar humano que registra momentaneamente perdendo a minuciosidade dos elementos visuais a serem estudados. Assim estes elementos, com o passar do tempo, perdem-se na memória do pesquisador ou ainda mudam ou desaparecem. Acredito que a memória fotográfica difere muito da memória humana tendo a capacidade da fidelidade na captura de dados, e precisão. Os milhares de elementos visuais que estão representados numa fotografia podem ser melhor utilizados

dentro da pesquisa se ficarem estaticamente registrados numa estrutura visível e palpável, ao contrário de uma memória humana escorregadia.

Para que a fotografia cumpra o seu destino no fazer etnográfico é necessário saber ler e reconhecer elementos visuais para compreender traços de uma cultura representados numa escrita imagética. Ler imagens é imprescindível neste momento da pesquisa. Como o antropólogo irá analisar as imagens produzidas em campo se não tiver domínio do texto visual? Reconhecer o homem representado em imagens e decodificar seus elementos culturais por meio de fotografias é sem dúvida uma capacidade que pertence ao pesquisador.

Cabe ao pesquisador, além de ler imagens, saber eticamente representar realidades com ela. Uma construção mal elaborada por parte de um etnógrafo pode por em cheque toda pesquisa e comprometer a análise do trabalho. Os cuidados a que devem ser elaborados os dados de uma pesquisa etnográfica visual são de extrema relevância nos processos investigativos. Gisèle Freund (1995, p. 159) destaca que “A utilização da imagem fotográfica torna-se um problema ético a partir do momento em que podemos deliberadamente servir-nos dela para falsificar os factos.” Mas defende em seu livro *Fotografia e Sociedade* que a fotografia conquistou um lugar de extrema relevância cultural e poder na sociedade contemporânea sendo uma das maiores linguagens representativas socioculturais. Ela afirma que

Graças a fotografia, a Humanidade adquiriu o poder de aperceber-se, com outros olhos, do seu ambiente e da sua existência. Ao verdadeiro fotógrafo cabe uma grande responsabilidade social. Deve trabalhar com os meios técnicos que se encontram à sua disposição, e esse trabalho é a reprodução exacta dos fatos de todos os dias, sem distorções nem alterações. O valor, na fotografia, não pode apenas ser medido a partir de um ponto de vista estético, mas pela intensidade humana e social da sua representação óptica. A fotografia não é apenas um meio de descobrir a realidade. A natureza, vista pela câmera, é diferente da natureza vista pelo olho humano. A câmera influencia a nossa maneira de ver e cria a nova visão. (FREUND, 1995, p. 188).

Me utilizo neste projeto da linguagem *suigeneris* da fotografia para realizar etnografia. Compreender a natureza humana por meio de uma escrita visual, permite com que meus olhos ampliem a sua visão de mundo, ora mergulhando nos detalhes, ora se expandindo para um universo cultural mais amplo.

## 7 A FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA

### 7.1 O álbum fotográfico como representação social da família

A imagem mente.

As fotografias trazem consigo o olhar de quem as criou e este pode ser enquadrado sob a perspectiva da sua ‘verdade’. E esta pode ser omitida ou recriada, pode levar aos olhos de quem a vê aquilo que o fotógrafo quer que seja visto.

Há na fotografia uma relação paradoxal entre ‘verdadeiro’ e ‘mentiroso’. Ainda nem sei se o termo seria este. Mas estou certa de afirmar uma coisa: a imagem mente, assim como também fala a verdade.

A fotografia sempre trouxe consigo o estigma de prova incontestável da realidade, não existia em seu início uma distinção clara entre técnica e magia, tendo uma capacidade única de reproduzir o real deixando a pintura para trás e por vezes comprando uma briga com as artes.

O ‘verdadeiro’ é para muitos aquilo que o equipamento pode registrar e os olhos podem ver, na pintura entre a imagem e os olhos de quem vê havia o homem que criava, desta vez veio a máquina para substituí-lo e com ela trouxe a falsa idéia de verdade absoluta.

A despeito do que, por ingenuidade, cegueira ou espírito polêmico, já foi bastante escrito e dito, nem o exato nem o verdadeiro são inerentes à fotografia. Se as imagens podem passar por exatas, e mesmo verdadeiras, a exatidão ou a verdade não estão somente nelas. (ROUILLÉ, 2009, p. 62).

A imagem fotográfica é a produção de um novo real, a percepção de um realidade vista sob a perspectiva do observador e criador de imagens, o fotógrafo.

André Rouillé (2009), em seu livro *A fotografia entre documento e arte contemporânea*, afirma que não é possível fotografar sem interferir na realidade existente. A fotografia muda a visão dos acontecimentos, e pode fazer interpretá-los segundo a vontade de quem as vê.

Ao contrário, ela é a produção de um novo real (fotográfico), no decorrer de um processo conjunto de registro e de transformação, de alguma coisa do real dado; mas de modo algum assimilável ao real. A fotografia nunca registra sem transformar, sem construir, sem criar. (ROUILLÉ, 2009, p. 77).

Nos álbuns fotográficos estariam imagens que representam a identidade das famílias que constantemente buscavam construir uma idéia de felicidade e equilíbrio, não

estando exposto (em sua maioria) os conflitos familiares. O ‘verdadeiro’ estava ali em sua parte representado, não é correto afirmar que pelo fato dos conflitos não aparecerem nas imagens, não havia felicidade ou equilíbrio familiar. O fator de importância que vale lembrar é que convencionou-se socialmente que as fotografias de instantâneos são uma representação feliz da família.

Os momentos divertidos prometidos pela polaróide referem-se ao processo fotográfico que ocorre diante dos fotografados e à contemplação das imagens que “criam mal-entendidos sobre a infância e a vida da família, como se o slogan ‘diante dos seus olhos’ garantisse a realidade da emoção retratada, como se o filme revelasse um estado *interior* de prazer constante”. Todo poder opressor da família é reprimido, sendo mesmo descartadas dos álbuns de família as fotos de pais violentos, crianças choronas e casais em litígio. (FELDMAN-BIANCO; MOREIRA LEITE, 2005, p. 36).

A produção do álbum sempre perpassou pelo crivo daqueles que estariam escrevendo visualmente sua autobiografia. O que é o verdadeiro aqui e o que é a fantasia? Para os membros familiares as imagens dos álbuns é o elo de ligação entre eles e a sociedade. Trata-se de falar de si socialmente por meio de fotografias, mais uma vez trago o “eu” ( ou o “eu” coletivo que é a família e a sociedade). O ‘eu-imagem’ está representado nas fotografias sociais familiares, a identidade da família. Para que esta ocupe um lugar de existência social ela necessita ser vista, ter registro e possuir memória. Aqui mais uma vez volto a questão (inevitável) da fotografia como prova, testemunho e verdade. Mas essa verdade é desenhada e moldada segundo os interesses afetivos e políticos de cada família, por isso questionar o significado de ‘verdadeiro’. Afirmo novamente que “a imagem mente, mas também fala a verdade”.

## **7.2 Fotografia doméstica: a reconstrução do gênero identitário**

O indivíduo tem a necessidade de se auto-firmar, de afirmar sua existência e ser percebido socialmente. O homem depende das relações afetivas sociais para viver, para dar sentido a sua vida. As fotografias domésticas cumprem bem esse papel de vínculo social, de afirmação de identidade. A manutenção de milhares de fotografias guardadas em álbuns antigos de família vêm para fazer acreditar que existe ali guardada toda memória, que por meio daquelas imagens podem ver o que é cada um, como eram, como mudam e o que são hoje, mas ironicamente não é possível ver o que será amanhã. Nos instantâneos fotográficos guardados temos a imagem que queríamos dar para nossa personalidade e de como queríamos que os outros nos vissem. O hábito de fotografar cotidianamente os momentos familiares não

cessa, é contínuo e apesar das relações familiares mudarem, dos valores sociais se transformarem, das gerações tradicionais nem sempre conseguirem (na grande parte das vezes) perpetuarem os hábitos para as gerações futuras, do mundo contemporâneo ter um outro conceito de família e ter uma outra relação com a fotografia, com o registro de memória, com o advento das tecnologias digitais, com a evolução das mídias digitais, com a transformação dos álbuns etc, nós ainda temos a necessidade do registro doméstico da fotografia. Isto não muda. Tudo se transforma, a cultura, o indivíduo, os dispositivos, as formas de tecnologias, os regimes escópicos, mas o hábito e a necessidade de fotografar a família não.

O ato fotográfico doméstico significa o mesmo de antes: a identidade. As imagens que me cercam e aquelas que crio representam a minha realidade e mudam o que sou. Ter uma identidade imagética desde os períodos da pintura era uma necessidade humana. Fazer-se vivo. A imagem determina a existência da identidade do indivíduo em algumas culturas.

A esta mesma necessidade de identidade visual está vinculada a cultura de contemplação dos retratos de família. Ao olhar uma imagem estou sempre em busca de algo que me liga a esta imagem, algo que pulsa e que estabelece uma relação de cumplicidade. Nos álbuns de família essa relação é mais exacerbada pelos valores de afeto e pelas lembranças que permeiam as informações expostas nas fotografias.

Bela Feldman-Bianco e Miriam Moreira Leite (2005, p. 36) dizem que:

A atração dos retratos de família corresponde, pois, a uma necessidade de identificação com sua imagem. A necessidade de ver como os outros nos vêem e procurar as ligações com o eu interior, que se dissocia através da busca de semelhança e contrastes nos outros e nas metamorfoses que o tempo inscreve naquele presente atual transcorrido.

Pelas fotografias de família posso além de ver o que crio, me reinventar. Pela memória que as imagens evocam posso arriscar dizer que as fotos instantâneas além de trazer a recordação do momento, tendo isto como uma função, tem também a capacidade de ser o totem que irá liberar as lembranças guardadas nos “palácios de nossa memória” como diz Santo Agostinho (2007). Ter a certeza de que não será esquecida a história de minha vida, ter a segurança de que minhas lembranças estarão guardadas. Não devo confiar em minha mente para guardar esses momentos? Os mais importantes? Quero me assegurar de que momentos da minha identidade estarão resguardados. Quando é perdido um álbum de família a primeira lágrima diz “ali estava toda a minha história de vida”.

Guardar. Quero guardar comigo aquilo o que sou, as minhas lembranças. Quero comigo ‘para sempre’ os que mais amo. E ainda que muitos tenham ido embora, quero a imagem de lembranças eternamente em minha vida, da maneira que escolho, podendo inclusive, pela fotografia, decidir quando vê-los, quando lembrar, o que lembrar e decidir para cada imagem o destino que quero dar. A fotografia é a presença viva do objeto fotografado, aquele que está morto é ressuscitado, evocado pela memória da imagem. O álbum fotográfico funciona como uma grande caixa mágica trazendo de volta um passado e dando a nós a capacidade de torna-lo presente, e quem sabe, futuro.

É possível que pelas imagens produzidas nos álbuns de família possa construir minha ontologia, entender o que sou. As fotografias domésticas permitem além do registro de momentos cotidianos um acervo rico para entender antropologicamente os costumes de uma época, a memória dos lugares, o retrato de uma cultura. Por meio das imagens domésticas é possível ver e entender os comportamentos socioculturais. Posso por meio da análise da construção do álbum familiar, a partir de fotos antigas ou recentes, produzir um novo álbum por um outro prisma.

A construção da imagem social pode ser realizada por meio das fotografias de família, no ambiente familiar, que certamente está a minha identidade. A construção do álbum de família é um auto-retrato, proponho neste projeto a construção de uma narrativa auto-reflexiva a que alguns autores denominam de ‘autoetnografia’. Ao me utilizar de duas formas de investigação (fotografia e autoetnografia) para se chegar a uma construção do ‘eu’, escolho uma metodologia citada por outros autores intitulada de ‘Autoetnografia Visual’. É dela que farei uso para a produção de minha escrita.

Se para a autoetnografia o trabalho é feito com uma metodologia auto-reflexiva, as fotografias domésticas não fogem disto, e assim, como nos instantâneos fotográficos há a memória como processo chave, também na autoetnografia há subjetividade.

## 8 AUTOETNOGRAFIA VISUAL

### 8.1 A imagem como narrativa do EU

Neste projeto me proponho a pensar metodologicamente por meio dos processos investigativos que refletem sobre a memória, a autobiografia e a imagem uma narrativa visual etnográfica.

Com o objetivo de pensar a metodologia que fora experimentada neste projeto, realizo uma edição fotográfica a partir da documentação realizada, das imagens produzidas e de uma montagem por meio da edição final que engloba as duas partes e apresenta um álbum de família como forma ensaística representando as memórias de vida por meio dessas fotografias.

Ao tempo em que ia fotografando, ia coletando as imagens documentadas em nossa casa.

Reproduzi um total de quase mil imagens. Fiz o que chamo de “edição 1” escolhendo, de todas essas imagens, aquelas que estivessem no período dos dois momentos que tracei na linha do tempo construída para representar as memórias de minha vida. Agora tinha seiscentas imagens.

Em seguida, realizei um novo recorte a que denominei de “edição 2” escolhendo dessas imagens apenas aquelas que construiria a memória do álbum.

O passo seguinte foi a “edição 3”, em que escolhi as imagens que representassem melhor os momentos atuais de minha família, as fotos que venho produzindo de 2007 para cá totalizando duas mil trezentos e quarenta imagens.

Na “edição 4”, mesclei as imagens editadas (antigas) dos dois momentos da linha do tempo, com as imagens atuais selecionadas. Busquei, nesta edição, o que considero uma das mais significativas, uma releitura da história de vida por meio das imagens através da associação entre memória “presente-passado/passado-presente”, aplicando o conceito de Bergson e de Santo Agostinho sobre a atemporalidade da memória e sobre como a memória atual é construída pela memória passada e vice-versa, uma adentrando o universo da outra e que a memória é constituída de realidade e fantasia, considerando que a fantasia também é real para aquele que a têm.

Assim, na “edição 5”, procurei estabelecer a junção dos álbuns de família antigos com o que estava sendo criado, para ter “um”. E apresentar este de uma maneira atemporal,



em que as imagens não necessariamente seguem uma sequência linear de tempo, por data. Mas que estas serão uma narrativa autoetnográfica nessa construção de linha de tempo.

Na “edição 6” finalizo a escolha das fotografias, deixando um álbum de família, o qual, é apresentado nessa dissertação de mestrado como uma autoetnografia visual.

Vale ressaltar que as imagens seguintes serão montadas no álbum como uma sequência não linear e que a apresentação seguinte apenas dispõe da proposta de montagem. Estas poderão ser coladas, recortadas, montadas, sobrepostas, etc. Assim se dará o processo de edição final e apresentação do álbum fotográfico.



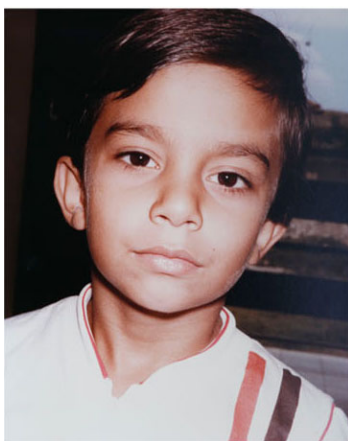
O que eu sinto quando olho a fotografia da minha mãe? Outra pessoa ao olhar esta imagem não saberia quem esta mulher é e tão pouco significaria algo para ela a foto das pernas de uma mulher numa rede. Para mim significa. Um mundo cabe dentro desta fotografia. Será ao menos possível sentir a delicadeza dessa imagem? As fotografias domésticas trazem consigo algo único: o afeto.



Existe aqui o tempo que a imagem evoca em mim. A memória que constitui a minha identidade. Não existe a fixação das lembranças, o congelamento do acontecido, a fotografia que documenta e “congela” um instante. A lembrança é mutável, nasce a cada novo tempo vivenciado por mim, transformando o que sou e me dando a possibilidade de ser sempre uma nova pessoa.



Ao ver a foto de meus pais abraçados na gruta da Praia das Fontes, eu me lembro desse momento, eu sinto o cheiro do mar, e posso tocar descalça a areia molhada pela água que desce por entre os labirintos. Às vezes penso se quando mesmo criança, gostava tanto de ver as fotografias dos nossos álbuns, que eram poucos, e fazia isto repetitivamente, que já não sei se minha memória é da presença no momento da fotografia, ou se é de minha fantasia a me enganar criando o momento em mim como se eu de fato estivesse tão presente lá, quando na verdade posso ter apenas admirado em excesso essa imagem no álbum de minha família. Eu corto essa imagem ao meio. Eu só consigo vê-la assim. Eu vejo a mim e o meu irmão dentro desse abraço. Eu vejo que somos fruto desse abraço e que podemos ter sido, como é em alguns momentos para muitos casais, a nossa presença, a razão deles terem continuado abraçados. E isto seja ca-s-a-men-to. Minha mãe estende seus braços. Ela é o pilar da relação conjugal. Sua maturidade, sua paciência e dedicação faz dessa relação uma comunhão. Seus braços abertos paradoxalmente sustentam o abraço apertado que unem os dois. Talvez o amor que permite o abraço seja o mesmo que permite o avesso como uma entrega de amor. E daí possa surgir a imagem da delicadeza de seus pés. Pés que sustentam o corpo.



Ao montar esta auto-narrativa fotográfica ensaística que surge da proposta de álbum, eu apenas lia as imagens de uma forma clara em minha mente, como quem de fato narra uma história. No caso, aqui, a minha história de vida. Que pode em algum momento significar a vida de outras histórias, de outras famílias, nos fazendo refletir sobre a importância das fotografias domésticas como construção do álbum familiar social a partir de um imaginário e da identidade do homem que representa a cultura e a sociedade. Que significado tem as fotografias de família? O que elas podem transformar



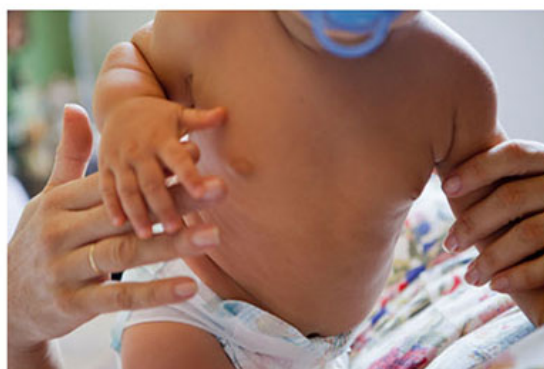
socialmente? As imagens podem nos moldar, elas podem configurar os nossos comportamentos socioculturais, ou podemos criar imagens a partir dos valores impostos pela sociedade. Vejo assim.

Eu sei o que quero dizer com cada uma delas. Eu sei o que quero narrar. Mas sei também que nem todos compreenderão da mesma forma. Ao mesmo tempo que a fotografia tem o poder de comunicar, despertar e trazer significados à tona; ela pode, não necessariamente, representar aquilo que quero dizer. Ela é dúbia. Pode enganar. Enganar? Mentir? Não. Acho que ela por perpassar a subjetividade de outrem que é absorvido por ela, pode dar um novo significado o qual o narrador não tem controle sobre ele quando esta fotografia adentra no universo do outro. O outro em mim e eu no outro fazem desse ensaio um desafio de pensar na capacidade das imagens de serem espaços dialógicos.

O meu irmão atira. Algo morre para que o novo nasça. Eu acabei de surgir guardada nos braços de alguém. Ele também renasce. Somos dois, somos agora irmãos. Somos extensão do que são os nossos pais. Ora ele se mostra, ora se esconde, sua identidade de primogênito agora é transformada pela chegada do novo. Mais um membro na família. Seria coincidência que essa seja uma história que está presente nas gerações de muitas famílias? Não seríamos só nós, mas uma comunidade que se depara com uma similaridade no comportamento humano.







A memória é “aquilo que me deixa escapar”. Minha família começou sua estrutura financeira de maneira delicada. Minha mãe vinha de uma família com condições superiores do que a de meu pai, mas a gravidez inesperada e o casamento fizeram da vida dos dois, inicialmente, uma vida de sacrifícios, e por isto não tínhamos uma câmera fotográfica. Ao comprar sua primeira câmera, minha mãe fez uma única foto dela com o meu irmão em seus braços quando este ainda era bebê. Eu encontrei com muita dificuldade esta foto em meio às fotografias que estavam guardadas em caixas de sapatos no alto do guarda-roupa da casa dos meus pais. Esta imagem é única. Para mim ela traz uma memória cara, um momento definitivamente único. Ela é o exemplo do afeto traduzido na fotografia. A importância da imagem de família, do registro histórico da história de cada um, de cada membro social (se eu puder pensar de uma maneira mais comunitária). Eles representam a realidade de muitas famílias. Ou ainda podem representar aquelas que nem têm fotos para lembrar como eram seus filhos quando nasceram. E penso nas frases que às vezes escuto de pessoas que encontro nas ruas e dizem: “eu não tenho nenhuma foto minha grávida do meu filho”. Hoje temos uma infinidade de possibilidades de registros visuais com as novas tecnologias e um excesso de imagens de auto-retratos. Por que será que o homem deste século tem uma



necessidade extrema de registro e publicização de sua vida íntima? A necessidade de se auto-afirmar. Talvez este trabalho questione tantos valores sociais quanto podemos imaginar e talvez ele não responda suficientemente a todas as perguntas que surgem durante o seu desenvolvimento. A memória é o grande desafio desse ensaio. A imagem como representação social da memória social individual e coletiva.

Minha mãe ao mesmo tempo que segura o meu irmão em seus braços e pausa para a câmera, diz a importância que tem aquela criança em sua vida. A imagem traduzida em emoção, a memória buscando um espaço de escrita por meio do discurso narrativo imagético. Meu irmão, ao contrário de mim, não pausa. Não gosta da pose, das fotografias pousadas. Ele diz isso claramente: “Não gosto de ser fotografado diretamente, se você quiser faça fotos espontâneas”. Eis aqui, 33 anos depois, ele agora, com o seu próprio filho em seus braços, num mesmo gesto que ela, segurando o seu bebê como um totem. Mas para mim que fotografo, penso qual deles seria passado e qual deles seria presente? E qual imagem representa lembrança? Uma desfocada proposadamente é construída querendo dizer “passado” e a outra antiga querendo dizer “presente”. Elas se misturam. É isso que Bergson traz. É isso que Santo Agostinho defende. O transpassar e a simultaneidade do futuro-passado-presente. Quem existe? O presente? Nossa memória com certeza não é linear, não é real e só pode nos oferecer uma coisa: a lembrança presente daquilo que existe dentro de nós, seja real, imaginário, fantasia, individual, coletivo, antigo ou novo. Temos a lembrança tão presente quanto aquilo que é tátil. A fotografia é tátil. A imagem arde dentro de nós. Ela é como uma paixão violenta e desperta desejos. Não podemos controlá-las.







Os pais que têm amor pelos seus filhos querem imortalizar os momentos vividos para não perder aquilo que mais temem: a lembrança. Será que se perdermos a lembrança de um momento memorável, estaríamos reduzindo nossa memória a algo insignificante? Será que quando sentimos ódio queremos queimar as fotografias do ser amado como uma forma de exorcizá-lo de nossas lembranças? A memória detém um poder incompreensível sobre nós. A fotografia desde seu surgimento é desafiadora, ela provoca.

A memória pode nos trazer o cheiro, o detalhe do corpo, do momento, a imagem daquilo que está ausente. A fotografia expõe esses detalhes. Ela traz à superfície, como nessas fotografias de minha mãe com o meu sobrinho, de minha cunhada com o meu sobrinho, os detalhes do toque, do encontro entre cada um deles. O cuidado está representado pela imagem. O toque. Aqui o que é tocado é congelado numa forma de dizer: “é tátil”. Certamente qualquer uma delas lembraria da presença dele. Mas qual delas lembraria que naquele dia, naquele momento ele mordida como quem queria possuir a mãe como objeto de desejo? Que se permitia ser tocado pela avó para buscar o desafio de dar o seu primeiro passo? A fotografia permite detalhes que, às vezes, a mente cria.



Um detalhe. Um pequeníssimo detalhe que poderia passar despercebido pode ser exposto pelas lentes de uma câmera através dos meus olhos de fotógrafa. Meu sobrinho desde as radiografias feitas enquanto ele estava na barriga de sua mãe, tinha os dedos recolhidos, era autêntico. Estava em todas as radiografias. Quando nasceu, seu gesto continuava como uma marca de sua personalidade, e como uma provocação para mim, para a minha capacidade de perceber os detalhes. Fotografei. Não resisti e fotografei. Para mim, não há nada que signifique mais o Igor do que o gesto de suas mãos. Para cada parente um gesto que na memória identifique a lembrança do ser presente. A fotografia pode construir essa imagem. Ela pode guardá-la.





A imagem-mente. Não há nada que esteja mais em minha memória do que a recordação de meus pais caminhando na beira da praia no Morro Branco. Isto representa o que eles são. Não há nenhuma imagem que possa traduzir o que eles são tão bem quanto esta lembrança. Com tudo, penso em Santo Agostinho quando diz “Que é, pois, o tempo?” Não sei. Não consigo nem mesmo entender porque essas memórias são carregadas do meu imaginário, de minhas fantasias mais infantis e que delas acredito no que vejo, no que os meus olhos constroem com uma câmera fotográfica. A imagem que carrega consigo o duplo sentido de ser verdade e de ser ficção. A imagem-mente, ela mente.



Qual das fotografias em álbuns de família conseguem de fato representar com fidedignidade as relações familiares? As fotografias representam bem este papel de escrever uma história de uma maneira fantástica, em que todos os personagens estão felizes e sempre harmônicos. Olhe direito. Veja cuidadosamente cada uma dessas fotografias, mas veja não só uma foto, mas como elas foram dispostas, elas falam e tentam representar essa dubiedade da imagem. Essa felicidade plena não é família.

Então por que a sociedade necessita tanto criar os seus personagens num roteiro de perfeição? Será tudo uma construção da memória? Não posso responsabilizar a memória por tal comportamento. Nós construímos assim em nossa “mente”, fica guardado nos recônditos sagrados as nossas lembranças, enganando a nós mesmos, mas somente por que assim permitimos. Se de fato quisermos ver, veremos.

O passado não volta mais do que está presente. Ele está constantemente aqui e o presente é continuamente modificado por ele. Há uma relação de troca, um interferindo no outro de forma cíclica.





Me deparo com essa fotografia e sinto a minha família representada ali. Nos vejo e observo como nenhum de nós encara a câmera, somente minha mãe e nenhum de nós posa. Nenhum de nós se entrega, sorri para a câmera e deseja ser fotografado. Eu não me lembro. Confesso não ter nenhuma recordação deste momento, mas tenho a recordação desta fotografia no álbum de minha casa e de quantas vezes eu a olhava durante todos esses anos e de como ela me afetava. Ela me fascina, me prende. Até hoje não conseguiria explicar qual a razão desta simples imagem causar um “não sei o que em mim”. É disto que estou falando, desse poder que as fotografias de família têm de serem tão caras. Os membros de uma sociedade expõem suas imagens como uma propaganda da família, como uma aprovação, uma prova de presença, de organização social. É preciso ter em casa pelo menos um porta-retrato que represente o status daquela família. O “quem somos” ou o “que queríamos ser e fingimos que somos”.





Família é um espaço não explorado pelos outros e sim apresentado. Só eu posso adentrar no universo familiar de minha casa e para os outros deixarei a imagem daquilo que é bom nas fotografias. Como se dá o processo de construção da minha identidade? Como me represento nas fotografias? Será que nelas está realmente guardado o que vivi? Eu as vejo e percebo que em muitas delas eu gostaria que tivesse sido. Outras me fascinam por flagrarem um momento único e verdadeiro do que estava realmente sendo vivenciado naquele instante.



Aí estão imagens que não confundem minha memória e guardo comigo o dia de cada uma delas, a nossa idade, o lugar e como estávamos no momento. Meu irmão, meu único irmão representa para mim uma família restrita, já que não temos outros irmãos. Preservo essas imagens como momentos genuínos de felicidade e admito que estas aqui não fazem parte de minha fantasia, se é que posso confiar nela. Mas o Morro Branco, a Serra de Guaramiranga, a bicicleta vermelha são para mim símbolos de diversão. Tenha recordações de bons momentos com ele nesses lugares, cada amanhecer no Morro Branco, acordando cedinho indo tomar banho de mar a um quarteirão da praia, e como sinto falta daquela casa de praia, os passeios nos morros, o pôr-do-sol das dunas, e no outro lado do Ceará o pôr-do-sol do Pico Alto, um dos lugares mais altos do Estado. O Eugênio estava lá comigo, algumas vezes partilhamos desses momentos juntos. É preciso arriscar mergulhar fundo nessas lembranças para



compreender de que maneira a memória constrói uma interpretação na realização de um trabalho antropológico visual. A construção dessas fotografias podem ter ido além do que de fato a realidade representava, mas para mim elas parecem reais ao ponto de eu mesma acreditar em cada pedaço de minha memória. Certamente meu irmão terá outras lembranças e ele sempre tem. Aliás ele sempre lembra de outras coisas que eu definitivamente não lembro, ele lembra de detalhes que aconteciam ali e eu lembro das sensações. Para mim fica bem mais evidente o sentimento do que o momento em si. Qual a distinção de nossas memórias? Cada um constrói aquilo que viu, ou melhor aquilo que vê. Mas pela fotografia podemos recolher em dado instante a mesma imagem de um mesmo momento. É uma imagem, apenas uma. A única coisa que sei é que em todas elas, ele aceitou ser fotografado independente da pose. Ele estava lá.

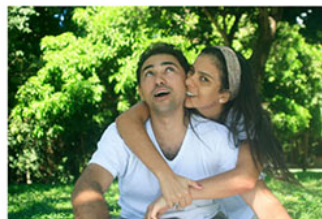
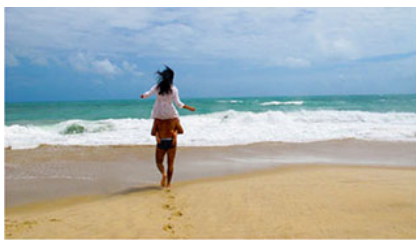




A antropologia pode acolher o desenvolvimento das imagens familiares. Pode até mesmo mostrar que para algumas culturas as fotografias domésticas atestam aquilo que “somos” socialmente, enquanto em outras culturas ela poderia ser completamente destituída de importância social. Se me é permitido descrever o valor que as fotografias familiares têm para mim, eu diria que elas trazem consigo momentos únicos que carrego comigo em afeto e que me transformo por elas e ainda que minha memória se constrói e desconstrói formando a nossa imagem, a nossa representação na comunidade. E nós somos aprovados por ela? Somos aceitos nesta comunidade? Somos filhos de pais ainda casados? Somos batizados pela igreja católica? E o que isto significa culturalmente? Isto está registrado nas fotografias. Foi necessário o registro não só por uma questão emocional, mas por uma razão de nossa cultura. Dentro do nosso universo social cada uma dessas imagens tem peso, elas significam. Elas representam. Como atores sociais cada um de nós representa o seu papel. Ter uma fotografia de batismo significa que de fato tenho uma relação diária de intimidade espiritual com Deus? É isto que a imagem mostra. E é isto o que sou, mas poderia não ser. É isto que o meu pai é? O meu irmão segue a mesma filosofia? Mas todos passamos pelo mesmo ritual religioso. A imagem está lá para cumprir o seu papel de registro desse ritual social. Para mim neste momento não existe um momento mais estranho do que este de mergulhar tão fundo numa pesquisa a qual me proponho perguntas e respostas, me expondo de maneira única para entender de fato o que é um álbum de família e como este relaciona-se com a memória. Um caminho desafiador de se adentrar este da autoetnografia, se assim posso denominar esta narrativa.



A antropologia busca entender a complexidade dessas realidades e a construção das fotografias de família me parecem complexas o suficiente para virarem objetos de estudo. Vejo o espaço que essas imagens ocupam em cada uma das famílias que fazem parte da minha realidade sociocultural. Os homens necessitam contar a sua história. Desde o tempo das cavernas era necessário deixar desenhos para que ficasse ali o registro daquela sociedade para as gerações posteriores. O ser humano precisa de sua história registrada e vejo que cada cultura cada sociedade, seja ocidental ou oriental, busca uma forma de afirmar sua história cultural. As nossas fotografias familiares seria um desses caminhos.



O amor.

A imagem tenta ocupar a presença viva da matéria, o corpo e o lugar ausente, tentam ser presente por meio de uma fotografia. O amor para mim tem a obrigação de estar fixado numa imagem que represente a presença do ser amado. Não poderia imaginar a minha relação amorosa sem uma foto, simplesmente não poderia. Existe para nós um casamento sem fotografias? Assim seria quase a inexistência do evento. A presença da aliança no dedo já é a imagem presente do compromisso de uma relação. A fotografia delas é eternizar a presença desse compromisso. Eternizar aqui deve ser entendido não como um congelamento, mas um momento que esteve lá e é antes de tudo flexível. Mas essa imagem confirma a minha recordação de amor. Não estaria o namoro em seu início embriagado de paixão e composto por inúmeras fotografias espalhadas no quarto, exposta num porta-retrato, guardadas nas carteiras e onde menos esperamos. Há uma necessidade “apaixonada” da imagem do ser amado. São horas contemplando a sua imagem, os momentos vividos. Outrora isto pode tornar-se apenas um símbolo de uma relação amorosa para todos que reconhecem os dois como casal.





Meu pai e eu.

Se não for uma das melhores lembranças que tenho é a de estar no mar brincando com o meu pai. Ele nadando, mergulhando e eu o procurando e sempre o perdendo de vista. Esta momento é forte em minha mente. Não poderia deixar de vê-lo em meio a essas tantas fotografias. A praia, o mar é uma presença forte em minha vida. Acho que na minha família. E talvez por isto meu irmão seja surfista além de engenheiro.



O mergulho. O fim de tarde no Morro Branco com banho de mar. Talvez nem mesmo as fotografias possam dar conta desses momentos. Elas podem me trazer a

lembrança do instante, mas nunca a sua intensidade. Elas evocam o cheiro, o sabor, a intensidade. Elas evocam, elas podem fazer surgir. Em mim elas ferem, elas queimam a ponto de eu poder sentir. Mas aqui não se trata apenas das minhas fotografias, às vezes sinto isto nas fotografias de alguém e lembro de imagens que me apreenderam em seu universo.

As imagens de família carregam consigo um afeto peculiar para aqueles que pertencem àquele grupo, dificilmente causarão o mesmo sentimento em pessoas que não sejam membro dessa família, mas podem, dependendo da construção e do que se assemelha causar impacto, despertar emoção naquele que vê, se neste tiver algo que tenha em sua história de vida um pedaço daquela imagem. As minhas fotografias podem fazer o outro pensar em sua família. Quando vejo a foto de um recém-nascido pode trazer à tona a lembrança do nascimento de meu sobrinho e esta mesma imagem em mim fazer sentido.

Bicho-homem.

Cavalos são para mim extensão de meu corpo, como um centauro, numa relação terapêutica, que me permite crescer e amadurecer nas relações humanas. Com os bichos, se não os substituo por pessoas, posso construir relações afetivas extremamente saudáveis. O que eles podem despertar em mim? E por que a necessidade de tê-los em meu álbum? Porque eles representam parte de minha vida, dos meus melhores momentos, os mais felizes, os mais gloriosos. Eu posso estar representando todos aqueles que necessitam de uma interação com os animais. Todos que compreendem o afeto que sinto por eles, e por meio dessas imagens me comunico, sou aceita nesse grupo e nos identificamos. A fotografia pode ser o elo de comunicação, pode atestar o meu gosto e refletir isto no outro.

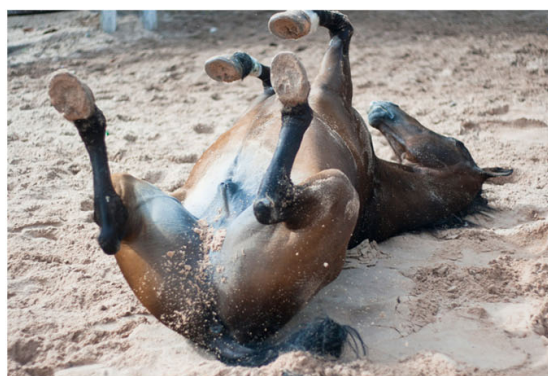
Imagens como essas apenas representariam a minha subjetividade e afirmariam a crítica de que a autoetnografia é “perigosa” por parecer somente um relato pessoal? Acredito que não. Defino como uma imagem com carga subjetiva, como qualquer outra pesquisa traz consigo a subjetividade de seu autor, e que por meio dessas imagens trago a realidade de outros e posso despertar nos outros aquilo que está presente em mim. Quantos precisam das imagens dos seus bichos para ter a certeza de que não estarão na superfície de suas recordações? Queremos lembrar dos detalhes, queremos construir a

imagem do ser querido. Queremos guardar na lembrança os melhores momentos. E parece que o homem não se contenta apenas com a mente. A fotografia desempenha socialmente esse papel. Veja como aqui há, não só um relato de vida, mas a prova de que este relato, o meu, pode significar o relato de vários outros “alguém”. E que a minha necessidade de registro possa ser a mesma dessas pessoas. E que isto possa ter sido socialmente construído, essa linguagem visual. Há aqui o questionamento da importância da fotografia, de uma escrita visual narrativa realizada cotidianamente por nossa sociedade, que tanto preza por estes registros e que muitas vezes não consegue imaginar-se sem ele. Poderíamos hoje tirar da sociedade, das pessoas comuns (não profissionais), das famílias as máquinas fotográficas? A fotografia mudou a forma de ver e estar no mundo. Mudou o comportamento social, ela interferiu na nossa imagem, não só a representativa, mas a real. Talvez tenha mudado até mesmo o nosso comportamento, onde é mais importante a foto do momento do que o momento em si. Sem o registro não somos nada. Eu saberia que os meus animais existiram, eu saberia o valor deles para mim, eu saberia os detalhes de seus trejeitos, eu os levo (ou trago?) comigo em cada lembrança. Mas ainda assim permanece em mim o desejo de tê-los guardados num retrato. Não é suficiente a memória de minha mente. O retrato me traz a segurança de ter aquela lembrança. Perder a fotografia de um ser ou mesmo de um lugar que gosto, seria esquecê-lo em algum lugar perdido no tempo, não posso deixar em segundo plano aquilo a que tenho e sempre tive apreço, eu necessito registrá-lo.

Castanhão. Meu primeiro cavalo. Até hoje minha paixão. Sei dele cada detalhe, cada gesto, como dá cada trote, cada galope, eu reconheço o seu olhar quando está triste, reconheço seu corpo quando está selvagem. Eu o conheço. Mas ainda assim algo não se realizou em mim enquanto eu não flagrasse esses detalhes mínimos em fotografias. Sua crina, o cheiro dela... Ao olhar essa imagem, eu sinto o seu cheiro, a textura, eu posso senti-lo. Eu amo esse cavalo. E se não amasse dificilmente o teria fotografado. Na imagem do álbum de família não temos, como no fotojornalismo, ou mesmo na foto publicitária as características de tentarmos ser precisos, informativos por excelência, ou a busca de uma estética perfeita, nos preocupamos com o afeto, com o momento, com a tradução dos nossos sentimentos ou até mesmo com a representação do que aquela imagem poderá nos possibilitar.

Na imagem: Bandit. Dizem que o cão é o amigo fiel. Eu acredito. Este já o meu segundo cachorro. Nem consigo descrever o que é sua companhia em momentos introspectivos. É fantástico!

Não consigo imaginar uma praia hoje sem ele. Sua companhia é necessária. Fotografias com ele me parecem mais ainda. Não tanto no mundo do fantástico, mas esses bichos num plano real me possibilitando momentos fantásticos, de fato, de pura fantasia. Os animais carregam consigo a capacidade de nos entregarmos. Essa é uma experiência minha, pode não ser a de outros, mas sei que é a de muitos outros, e leio e vejo exemplos de tantos outros homens que amadurecem na sua relação com os bichos. Vejo ainda que nas Guerras, por exemplo, os animais serviam como uma exibição de poder, de força. Para alguns, assim como para mim, significa sensibilidade. As fotografias aqui expostas seriam só meros retratos? Elas contam uma história, não somente a minha história, mas trazem consigo a carga cultural implicada da sociedade da qual eu faço parte. E é claro que nem todos da mesma sociedade vivem a mesma realidade, mas as similaridades trarão aqueles que estão inseridos no mesmo contexto que eu e as diferenças mostrarão outras realidades que não me pertencem; e aí está implicada a minha cultura. De acordo com o País, com o Estado, com a época, com a classe social etc.







Guadalupe.

Além do cavalo, uma égua que arrebatou o meu coração.

Nenhuma palavra vai traduzir os curtos dias que passei em sua presença.

A morte, como lidar com ela? Aqui, mais do que nunca a lembrança.

Silêncio, luto, imagens que trazem alegria, tristeza e saudade.

Uma potro.

A conheci em fevereiro deste ano e a perdi no dia 17 de agosto do mesmo ano de 2012 às 4h00 da manhã. Com apenas dois anos e meio de vida, ela teria uma média ainda de mais dezoito anos, talvez. O Castanhão já tem treze anos. Em pleno vigor.

Este trabalho me fez pensar sobre o belo do álbum fotográfico e mudou minha opinião, fotografei o horror, fotografei a dor, fotografei a perda. Já com o projeto finalizado eu acrescentei após sua morte a fotografia do dia em que ela morreu. Está aqui talvez, a única fotografia que expressa verdadeiramente um lado que não é feliz, que não é belo e que não teria no meu álbum fotográfico. Pensar uma autoetnografia

visual me fez lembrar na hora de sua morte, que eu também poderia fotografar o que geralmente as famílias não fotografam. Para alguns, provavelmente, só um cavalo, para mim, a minha égua. Quando repórter fotográfica do jornal local entre os anos de 2004 e 2007 uma das editorias que mais trabalhei foi na de polícia. Eu costumava tornar o feio, esteticamente atraente. Aqui não senti o mesmo. A sensação foi cruel, era pessoal, era familiar. É o meu álbum e a minha história. E acredito que este momento seja tão importante quanto os outros que são gloriosos e quanto aqueles que querem ser. Não sei como a memória se comporta nesse momento da dor, não entendo aqui a fantasia. Poderia eu me colocar nesse estado de satisfação que as outras imagens trazem? Eu não sinto o mesmo. Sinto que essa imagem e esse momento traem a minha felicidade expressa e construída no álbum. Mas sinto também que ela é uma das fotografias mais verdadeiras. Eis para mim o desafio de construir esse álbum. Durante todo o tempo cada imagem me era provocadora.

A morte me fez pensar em todos os momentos de felicidade. Guadalupe significa “Aquela encontrada no rio”. Como as águas que correm num rio e que nunca mais serão as mesmas, ela também não, nem a sua imagem e nem a minha lembrança. Fica a presença. Eu não poderia ter passado por esses momentos sem a fotografia. Os banhos, os passeios, os momentos de espojar... tudo está registrado nas imagens, assim como em minha mente.



Sobre a morte só me deparei com ela três vezes: quando perdi as minhas tias (duas irmãs com câncer), quando perdi o meu primeiro cachorro e agora com a morte da Guadalupe.



Minha tia Tereza sempre esteve presente na minha vida durante a minha infância, nas minhas melhores lembranças. Eu a amava. Talvez como criança eu ainda nem tivesse essa consciência. Em nenhuma dessas mortes eu pensei no uso da fotografia. Eu só havia apontado uma câmera para um ser morto como fotojornalista, em pauta. Até mesmo quando perdemos alguém que amamos guardamos nos álbuns as melhores lembranças, escolhemos as fotografias dessas pessoas vivas e felizes. Até mesmo na época das fotografias post-mortem as imagens eram produzidas dentro de um cenário para dar uma boa aparência à fotografia, devolvendo aos parentes a lembrança do morto (vivo). Mas os familiares não buscavam o morto no momento da cena, isto é uma característica da linguagem da fotografia jornalística. Nos álbuns buscamos sempre a representação da felicidade e não da dor.





## 9 CONCLUSÃO

É no mínimo ousado propor uma conclusão dentro de um projeto que, antes de tudo, teve como caráter um caminho experimental e calcado na subjetividade- a qual pressupõe um constante renovar de percepções. Iniciei esta pesquisa buscando uma construção visual, fundamentada na memória.

Ao buscar a relação entre a imagem e a memória afetiva, me deparei com a certeza de que as duas são indissociáveis, e conclui que aquela está presente em nossa linguagem, como uma forma de diálogo. Que através da imagem podemos pensar e produzir conhecimento, nato e científico. Que o saber, para ser reconhecido pela ciência não precisa ser exato, e que não devemos temer a arte como reconhecimento científico. Percebi que conhecimento é construído também pela experiência, pela percepção e pelas diversas formas de linguagem.

Para trilhar o caminho exploratório desta pesquisa, busquei fundamentação nos conceitos de imagem, memória e autoetnografia, estabelecendo uma interrelação entre estes três eixos, chegando a conclusão proposta de uma Autoetnografia Visual.

Ao realizar a análise de documentos e álbuns familiares, me deparei com um labirinto interminável do que é a representação social da família. Explorando as imagens e fotografando novamente os meus parentes, percebi que a construção da imagem da família na sociedade perpassa por diversos caminhos não explorados, não-ditos e não mostrados explicitamente em suas fotografias. A imagem pode ser confiável? Esta é uma pergunta que me fiz durante esse processo.

Creio que o duplo caminho da imagem é inevitável e me vi muitas vezes deparada com esta capacidade da imagem de ser dúbia. Tal dubiedade se torna patente quando se pretende interpretar um álbum de família, o qual constitui uma forte representação da sociedade, seus valores, sua cultura e seus costumes. Mas não é a isto que me apego, e sim ao fato de que ao produzir um álbum, as famílias constroem a imagem que desejam ter de si.

Abordo aqui duas questões: a construção da fotografia de família a partir do imaginário pessoal e a imagem como forma de conhecimento deflagrando uma realidade sociocultural exposta nas imagens de álbuns de família.

Entendi, por fim, que ao produzir um novo álbum da minha família, refiz o mesmo trajeto feito por muitos outros em nossas sociedades: o de construir um família feliz, destituída de conflitos. O álbum de família guarda imagens capazes de expressar conquistas e momentos de alegria. Pode-se inferir que, ao selecionar momentos de total harmonia, a

família nega-se a assumir que o que torna membros de uma família feliz, não são apenas os momentos glorificantes, mas também as derrotas, as tristezas, as angústias, dentre tantas outras formas de experimentar a vida.

A construção do imaginário familiar perpassa pelo costume sociocultural da representatividade de uma família que deve ser exposta de forma equilibrada socialmente, sem os processos dolorosos que marcam o ambiente familiar e que, muitas vezes, une seus integrantes. O que se constrói de maneira arbitrária é que a família não pode ser posta em “cheque”, ela é a representação primeira da estrutura de uma sociedade. A fotografia exerce uma função ímpar, ao ser responsável pela representatividade da imagem da família na sociedade ocidental, construída em torno de elementos basilares, tais como a religiosidade, o lazer, o trabalho e o consumo, geralmente representados por fotografias de batizados, passeios, ritos de formatura etc. Os álbuns são a vitrine de cada unidade familiar, e juntos, assumem um papel de troféus de uma sociedade vitoriosa e feliz, desta forma, fica perpetuada a imagem da família como célula-mãe da sociedade. Sendo assim, as fotografias de famílias, com toda a subjetividade semiológica que carregam, contribuem para a construção da história de vida de uma nação.

O conhecimento construído no arcabouço cultural da sociedade é produzido pelas mentes daqueles que se permitem olhar o mundo à sua volta de forma exploratória e não se contentam com o óbvio ou o trivial, mas vêem esse óbvio como uma gama de possibilidades de se pensar e descobrir a realidade, até chegar ao que denominamos de conhecimento erudito, o qual atravessa o homem, sua história de vida. Podemos nos propor a mergulhar na certeza de Strauss ao afirmar que: “O conhecimento não se baseia numa renúncia ou numa permuta, mas consiste em uma seleção de aspectos verdadeiros, isto é, aqueles que coincidem com as propriedades de meu pensamento”. E essas propriedades serão formadas, antes de tudo, pelo que sou eu, pela construção de minha identidade.

Encerro esse projeto ao concluir que a formação da identidade de um indivíduo na sociedade pode ser fortemente influenciada pela sua construção familiar, a qual, por sua vez, constitui o espelho do que somos nós e de como nos relacionamos com o coletivo. Portanto, em “As cores violetas”, percebo a família como grupo social representado em sua narrativa de vida, sendo esse grupo também formador de conhecimento. Posso ainda inferir que, nesse percurso, vivenciei o preconceito estabelecido no meio acadêmico com relação a produção de saber científico através da autoetnografia e das discussões das autobiografias. Poderia dizer, por ora, que quase não existe espaço para estudos dessa natureza, os quais não decorrem de

uma suposta característica inovadora de minha pessoa, mas que por parte da ciência figura-se como se fosse, ou ainda que eu esteja propondo um raciocínio novo.

O método é desafiador, e nele descobri uma forma de fazer ciência, que por mim mesma, não havia conhecido antes, em nenhum outro momento da minha trajetória universitária. Poderia definir a autoetnografia como uma escrita única, arriscada para aqueles que trilham o seu caminho, e que, por meio dela, a história de vida deixa de ser um simples relato e ganha status científico por meio de dados, de documentação, de método de observação e de estabelecimento de relações e associações, de maneira a construir um conhecimento posto no mundo de maneira quase óbvia, mas que, tal qual como partículas microscópicas antes não perceptíveis, passa ao largo de nossos olhos. Devo destacar, também, que o “outro” é de suma importância na descoberta desse saber, e é preciso olhar a realidade à nossa volta com mais afinco para que não deixemos de buscar na ciência aquilo que lhe é essencial: o esforço de descobrir o saber humano a partir da relação com o mundo. Assim, retomemos ao que foi proposto nesse trabalho, de que “As biografias nascem da rotina, mas depois se nutrem das aquisições da história erudita e do conjunto das ciências humanas. Tornam-se mesmo fonte de inovação”; como propõe François Dosse.

Além das percepções e reflexões acerca da cientificidade do método autoetnográfico, outro ponto importante a se vislumbrar é que, sem dúvida, é pela memória, que se dissolve no tempo – ora fazendo-se presente e ora esvanecendo-se – que podemos pensar o constructo social como base da estrutura de conhecimento cultural. Esse trabalho pautou-se na cultura e na sua construção por meio da fotografia, da memória, da família como instituição social.

A imagem representa toda a narrativa, os dados a que tanto a etnografia se referencia e a memória social de um povo. E nesse caso eu sou a sociedade, a minha família é, assim como qualquer um de nós. Estudar a si, como foi proposto, é aprofundar as idiosincrasias dos indivíduos que habitam as esferas públicas e privadas formadoras de uma dada sociedade. O que percebi, ao reconstruir a narrativa de memórias afetivas de família, é que vivemos sob a égide de uma cultura que constantemente nega a sua realidade, ou melhor, a constrói como quer. Considero que a sociedade fecha os olhos para a construção do compreender a família na representação das imagens domésticas. Não me refiro às ciências, a filosofia, a psicologia ou aqueles que discutem os conflitos sociais, mas às famílias que constroem cotidianamente os seus álbuns e a responsabilidade de que estes álbuns tornam-se documentos e representam, em tese, aquilo que somos.

O que mais posso acrescentar como conclusão? Todas as minhas imagens concluem por mim.



## REFERÊNCIAS

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Ed. UFRGS: Tomo Editorial, 2004.
- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.
- BECKER, Howard Saul. **Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, Karina Kuschnir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BEHAR, Ruth. **The vulnerable observer: anthropology that breaks your heart**. Boston: Beacon Press, 1996.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BERGSON, Henri. **Memoria y vida**. Madrid: Press Universitaires de France, 2004.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de uma psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CHANG, Heewon. **Autoethnography as method**. Califórnia: Left Coast, 2008.
- COOLIER, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. Tradução de Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1973.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **L'Image ouverte. Motifs de l'incarnation dans les arts visuels**. Paris: Gallimard, 2007.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998; Porto: Dafne, 2011.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2009.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. **Três famílias: identidades e trajetórias transgrecionais nas classes populares**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ELLIS, Carolyn. **Revision: autoethnographic reflections on life and work**. Califórnia: Left Coast Press, 2009.

FELDMAN-BIANCO, Bela; MOREIRA LEITE, Míriam L. (Org.). **Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. Tradução de Pedro Miguel Frade. São Paulo: Vega, 1995.

FUENTES, Carlos. **The diary of Frida Kahlo**. New York: Abrams, 1995.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Tradução de Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HUOT, Hervé. **Do sujeito à imagem: uma história do olho em Freud**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1991.

LÉVI-SATRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

REED-DANAHAY, Deborah E. **Auto/ethnography: rewriting the self and the social**. New York: Berg, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials**. London: Sage Publications, 2007.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea**. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2009.

SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec: Senac, 2005.

VERSIANI, Daniela Gianna Claudia Beccaccia. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.